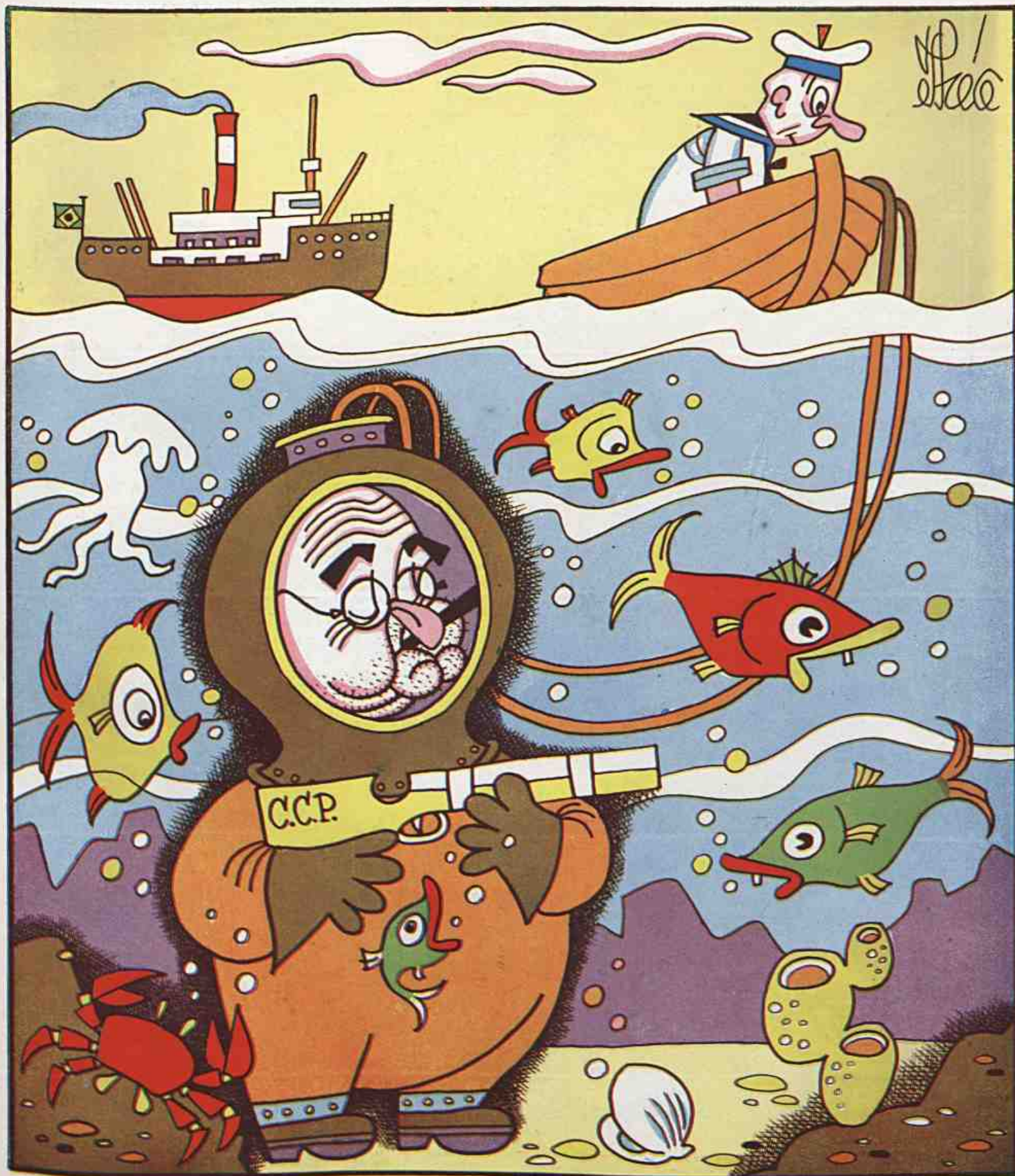


O Malho

ANO XLIX — NÚMERO 138 — JULHO DE 1951 — PREÇO CR\$ 5,00



CAÇANDO TUBARÕES

GETULIO — Será que isso é arma até debaixo d'água?!

Já está sendo apreciada

por tôdas as meninas de bom
gôsto, a revista que vai ser sua
leitura predileta!



CIRANDINHA

32 páginas coloridas que são um encanto!
Preço de cada exemplar, Cr\$ 3,00

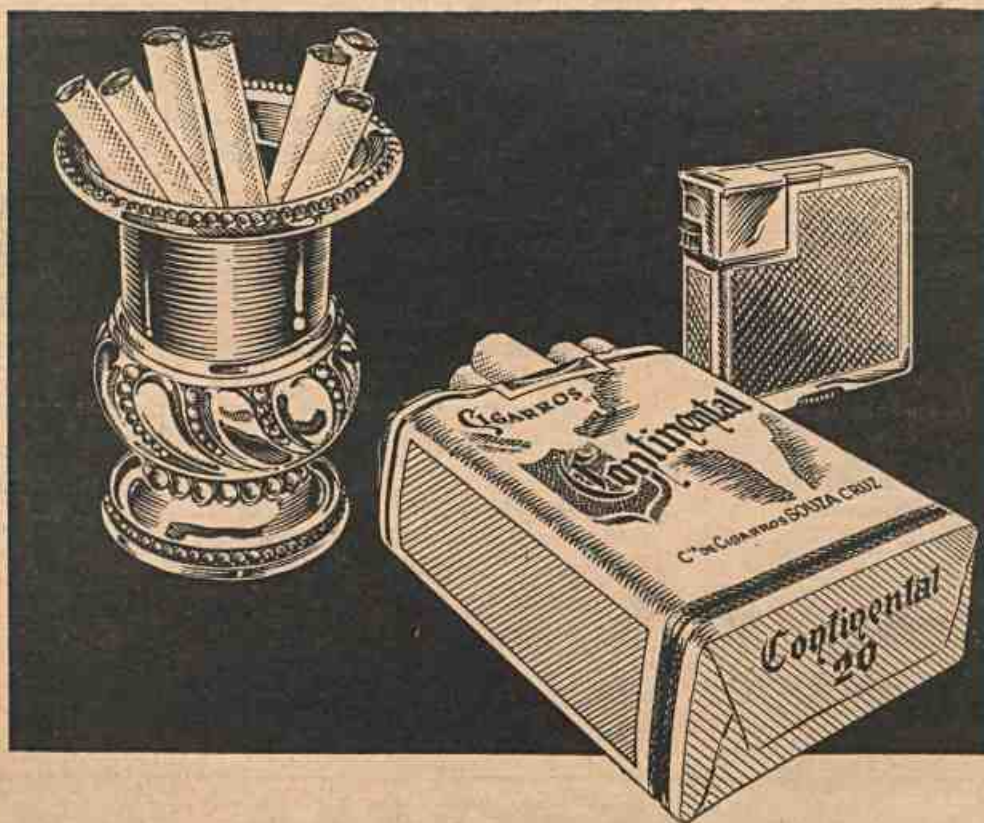
Edição da S. A. "O MALHO"—Rua Senador Dantas, 15-5.º and.—Rio





QUALIDADES DE LIDERANÇA

Como o café,
Continental é uma
preferência nacional —
é o cigarro de
classe mais vendido
no país!



TAMBÉM FIZERAM DE

Continental

UMA PREFERÊNCIA NACIONAL HÁ MAIS DE 15 ANOS

UM PRODUTO SOUZA CRUZ
VII-1951

— 3 —

C-98.081
O MALHO



**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Dr. UBALDO VEIGA

Especialista em doenças da pele
• sífilis

Chefe desta clinica na Beneficencia Portuguesa

CONSULTAS

Rua do Ouvidor, 183-5. - s. 504

Nas 2as., 4as. e 6as. - Das 16 às 17,30

NEGÓCIO RUSSO...

Um cossaco, viajando a cavalo pela estepe, foi surpreendido por uma horrível tempestade. As descargas elétricas sucediam-se com estrondos pavorosos. O cossaco, amedrontado, encomendou-se a São Nicolau.

— São Nicolau, santo bendito, meu doce senhor: se me tirares deste perigo, prometo oferecer-te em cirios o dinheiro todo que obtiver com a venda do meu cavalo.

O bom São Nicolau afastou os raios da cabeça daquele homem, que chegou são e salvo ao fim da viagem. O cossaco não se esqueceu da promessa.

No dia seguinte, muito cedo, levantou-se disposto a cumprir o compromisso que assumira com o santo. Apanhou um frango no galinheiro de casa, montou a cavalo e dirigiu-se ao mercado.

— Olá, cossaco, — gritou-lhe um conhecido — que é que trazes para vender?

— Um frango e um cavalo — respondeu o cossaco — mas aviso que não os vendo separados. Hão de comprar-mos juntos.

— Quanto queres por eles?

— Pelo frango, duzentos rublos e pelo cavalo, trinta kopeks (quatrocentos e cinquenta vezes mais pelo frango).

Acabou encontrando um campo-nês que aceitou o singular negócio.

O cossaco, fiel à promessa, embolsou os duzentos rublos, importância correspondente à venda do frango, e com os trinta kopeks do cavalo comprou um cirio que foi acender no altar do venerável São Nicolau.

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E
PODOPHYLINA)

Empregadas com sucesso nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Essas pilulas, além de tónicas, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funções gastro-intestinaes.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositarior:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

Vidro Cr\$ 2,50 - Pelo Correio 3,00
Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

AGUA DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

LIMPA E FECHA OS PÓROS

A VENDA EM TODA A PARTE

GALERIA SANTO ANTONIO

Restaurações de Quadros a Óleo —

Molduras simples e de Estilo.

Exposição permanente de quadros a Óleo de Artistas Nacionais, — Especialista em restaurações de Quadro a Óleo.

VIUVA COUTO VALLE

Rua Assembléa, 51 — 2.º Andar

Tel. 22-2605 Rio de Janeiro



CASEMIRA E TROPICAL

BEVI PERI PERI

"O PANO QUE NÃO ACABA"

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Preços das Assinaturas

Seis meses	Cr\$ 30,00
Um ano	Cr\$ 60,00
Número avulso	Cr\$ 5,00
Número atrasado	Cr\$ 6,00

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração

RUA SENADOR DANTAS, 15 —

5.º andar — Caixa Postal 880 —

Telegr. 22-9675 e 22-0745

End. Telegr.: O M A L H O

BRONZISOL ANTISOLAR

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL

À VENDA EM TODA A PARTE

NECRÓPOLE DE OURO Vamos á Leitura

Nosso mundo civilizado se tornará a necrópole do ouro? Isto parece, porque a proporção que se tira das entranhas da terra o metal precioso os homens voltaram a enterrá-lo.

Não são somente os governos que armazenam ouro em fortalezas subterrâneas, mas também os particulares escondem nos seus próprios jardins, cavando fundo, parcelas do metal precioso que conseguem obter.

A abundância de ouro é recentíssima, pois desde o início da era cristã até 1800, extraiu-se menos ouro do que de 1900 até agora. Para onde vai, então, o ouro? O tesouro norte-americano é quase o único do qual o encaixe ouro não é fundido continuamente desde vinte anos. Durante esse período, a extração do ouro atingiu em média 850 toneladas por ano, das quais 75 figuram nos balanços dos Bancos de emissão nacionais. Todo o resto é "entesourado" por particulares. Assim, para um estoque mundial de 50.000 toneladas, perto de 180.000 são "entesouradas", isto é, ficam praticamente sem utilidade atual.

RECOMENDA-SE aos leitores três excelentes livros das Edições Melhoramentos: O Almirante Tamandaré, de Renato Sêneca Fleury, em honra do patrono de nossa gloriosa Marinha; "Bech, o menino da Turingis", biografias e composições do genial musicista, em volume ilustrado; e "A expedição Kon-Tiki", narrando a aventura científica de 8.000 quilômetros, numa jangada, através do Pacífico!

Obras de interessar a todos os que apreciam tratadinhos erúditos e agradáveis.

Caspa?
Petroleo
Soberana

CORPO ESBELTO E FACEIRO...

VINHO CHICO MINEIRO

Não! não faça regime para emagrecer. Tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(EXIGIR A EMBALAGEM VERDE)

E lembre-se que o segredo de uma linda cabeleira sem caspas é

CABELOS BRANCOS está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIFARMA:

PRAÇA PATRIARCA, 26 — 2.º — S. PAULO
Remessa pelo Recibo Postal



As crianças adoram "Tiquinho" a revista infantil diferente.

Dê também, hoje, ao seu garotinho, a revista dos tiquinhos de gente.



AGUA PURA
SAUDE SEGURA
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

Ria Se Quiser...

A IDADE DO FRANCO

Duas donas de casa conversam animadamente:

— E pelos dentes que conheço a idade do frango! — diz a primeira.

— Mas o frango não tem dentes!

— retruca a outra.

— Não, não tem; mas tenho-os eu...

CONSULTAS GRATIS

O médico ao doente paupérrimo:

— Deixo-lhe este remédio para você tomar antes da comida, sim?

— Doutor... O senhor não podia deixar também a comida, para eu tomar depois do remédio?

GENTILEZA...

O juiz ao acusado:

— Sua profissão?

— Coveiro, para servi-lo, senhor juiz.

CANSAÇO

— Sinto-me muito mal, doutor. Tenho um cansaço horrível!

— Há quanto tempo sente isso?

— Para falar a verdade, doutor, desde que nasci!...

MEMÓRIA

— Ando preocupado com a memória de minha esposa.

— Por que? Ela não consegue se recordar das coisas?

— Ao contrário, homem de Deus: a mulherzinha não se esquece de nada!

QUESTÃO DE OUVIDO

Era a primeira vez que o garoto ia a um concerto. O maestro dirigia a orquestra e, simultaneamente, orientava o soprano solista.

— Mamãe, — diz o pequeno — por que esse senhor está ameaçando aquela moça com um pau?

— Psiu! — replicou a mãe. — Não está ameaçando, coisa alguma, Juquinha! — Então, por que ela grita tanto?!

Sae, Caspa!



Ploção HENMEMENDO
TARRE
fortifica os cabelos

DR. OSWALDO SERRA

da Faculdade Nacional de Medicina.

DOENÇAS DA PELE E SIFILIS.

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pele, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pêlos da face.

Tratamento de varizes, úlceras, eczemas trônicos e alérgicos urticárias, doenças dos cabelos e unhas.

Tratamento dos angiomas e cânceres da pele, pelo RADIUM (Radioterapia).

ONDAS CURTAS, ULTRA-VIOLETA, INFRA-VERMELHO, NEVE-CARBONICA, DIATERMIA, RADIUM.

Consultório — rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke 7.º andar, salas 723/4 Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados



PERFEITO!
BUSTO *Hormo Vivos*

Produto científico para embelezar os seios. O Hormo Vivos n.º 1 é aconselhado para os seios pequenos ou flácidos (moles) e o Hormo Vivos n.º 2 para os seios grandes, volumosos.

Inofensivo à saúde - Fórmula de absoluta confiança



CENTRO LOTERICO

distribui verdadeiras fortunas em bilhetes e apólices vendidos em seu balcão, na TRAVESSA DO OUVIDOR, 7



Aprenda

A FAZER
A HIGIENE CIENTÍFICA DA BÔCA

Use a escova patenteada Bukol, tecnicamente perfeita, acionando-a sobre os dentes de cima para baixo e de baixo para cima, isto é, no sentido da vertical, para que a escova alcance os pontos situados entre um dente e outro—Consulte o seu dentista.

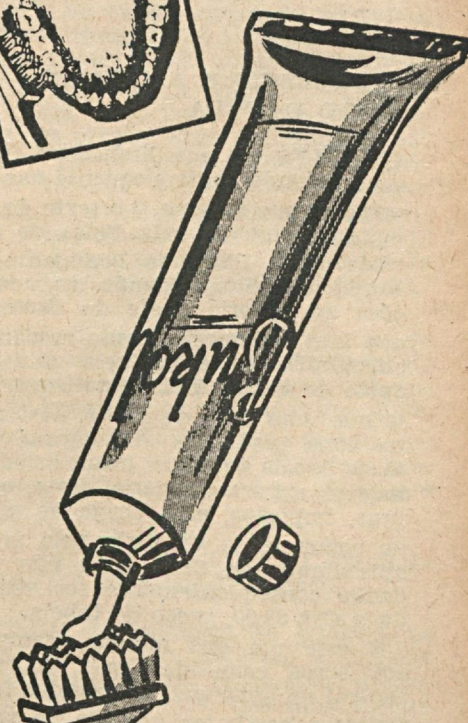


Aprenda a fazer a higiene científica da bôca, usando o creme espumoso Bukol, com a escova patenteada Bukol, e após aplique o Elixir-Odorífico-Dentifricio - Bukol.

ESTA É A TRÍADA

Bukol

Que lhe garantirá a higiene total da bôca, manterá seus dentes limpos e perfeitos, purificará o seu hálito e lhe proporcionará um sorriso de felicidade.



LABORATÓRIO
CAPIVAROL LTDA.
Rua Barão de Itaipú, n.º 17
RIO DE JANEIRO

PANORAMA

O SENTIDO DA NOVA SECÇÃO E SUAS DIRETRIZES. — ONDE SE INVOCA A NECESSIDADE DE APOIO DOS LEITORES.

FIEL às tradições do seu programa, que é o de procurar servir sempre, e cada vez melhor, aos seus leitores, "O Malho", a partir deste número, publicará, regularmente, uma secção destituída ao trato dos assuntos de natureza econômica e financeira.

Dentro da linha de absoluta independência que tem caracterizado a vida desta revista, debateremos as questões de maior relevância com elevação e critério, indiferentes aos interesses de grupos e tendo em vista apenas a preocupação de manter os nossos leitores convenientemente informados em torno de problemas de importância transcendental para a vida economico-financeira do país.

Conhecendo, pois, o relêvo que vai assumindo, no mundo atual, os problemas de tal natureza, voltaremos para eles a nossa atenção, sem preconceitos ou paixões, focalizando, porém, de preferência, aqueles que estejam mais intimamente ligados aos interesses nacionais.

Assim sendo, embora reconheçamos a significação fundamental do petróleo iraniano, do carvão inglês do enxofre americano, do volfrâmio português, do estanho boliviano ou do salitre chileno, só excepcionalmente é que trataremos dos aspectos internacionais desses produtos, de vez que a nossa orientação nos impõe o dever de debater preferentemente os reflexos domésticos de tais questões para não arrancar o cunho característico da secção que ora inauguramos.

Esperamos, assim, corresponder à expectativa dos nossos leitores, angariando-lhes a simpatia, a confiança e sobretudo a colaboração, tão necessárias, de resto, para que esta secção se desenvolva e ganhe raízes na preferência e apoio de quantos dela tomarem conhecimento.

O COMÉRCIO E A ALTA DO CUSTO DA VIDA

SIMPLES na sua linguagem, mas profundamente eloquente nas revelações que encerra, é o texto do telegrama enviado pela Bolsa de Cereais de S. Paulo ao Presidente da República. Respondendo às acusações do próprio chefe do Governo, que têm sistematicamente responsabilizado o comércio pela alta do custo de vida, a Bolsa paulista revela que uma saca de milho, custando na zona produtora do Paraná Cr\$ 45,00, depois de pagar juros, armazenagem, expurgo, sacaria, frete, quebras, impostos, etc., chega às mãos do comerciante varejista pelo preço aproximado de Cr\$ 100,00, não podendo consequentemente ser vendida a Cr\$ 88,00, preço de tabela.

É este um dos muitos exemplos dos erros cometidos pelo governo central na aplicação de medidas tendentes a combater o custo de vida. Não tendo podido, ou querido, resolver o problema na sua origem, pelo barateamento dos fretes e redução dos impostos, alguns dos quais verdadeiramente extorsivos, o governo preferiu atirar a responsabilidade dessa elevação sobre os ombros do comércio varejista, impondo-lhe restrições injustas e cerceando sua liberdade de ação.

Já tem sido repetidamente declarado que o governo tem nas mãos todos os elementos para baixar o custo

de vida, sem necessidade de recorrer a novas leis, todas, aliás, absolutamente esteréis si omal não for combatido na sua origem. Basta melhorar o sistema de transportes, diminuir os impostos, financiar as atividades agrícolas e estabilizar os salários nos seus níveis atuais. É um plano grandioso, não há dúvida, mas de cuja eficiência ninguém duvida. Se o governo se dispõe realmente a trabalhar para assegurar o bem-estar geral, é certo que contará com a colaboração de todos os bons patriotas independentemente de suas ligações partidárias. Mas se cruza os braços e foge a encarar de frente o problema, não se poderá queixar das consequências de uma política torturosa e esteril. — ARM.

OS LUCROS DA LIGHT

TELEGRAMA de Toronto, sede da Brazilian Traction Light and Power Company, e publicado com o devido destaque nos jornais de todo o Brasil, informa que os lucros líquidos da referida empresa, concessionária de serviços públicos da maior importância em nosso país, atingiram a soma de 33.044.974 dólares, ou Cr\$ 1.057.439.168,00 (dólares a 32 cruzeiros, seu valor real atual).

O presidente da Companhia informou que o Banco Internacional concedeu um empréstimo de vinte milhões de dólares, dinheiro esse que será aplicado no melhoramento dos

serviços da Light, no Brasil. Deliberadamente ou não, não foi dito de que natureza serão esses melhoramentos.

NOSSA PRODUÇÃO É MAIS CARA DO QUE OS ARTIGOS DE IMPORTAÇÃO

FALANDO ao "Correio Paulistano", o sr. Humberto Reis Costa, presidente do Sindicato de Fiação e Tecelagem do Estado de S. Paulo, teve uma curiosa afirmação: "Tudo o que produzimos é mais caro do que aquilo que importamos", — disse ele. E explicou: "Pretende a Carteira de Exportação e Importação acompanhar o preço de venda das mercadorias e permitir a importação daquilo que for mais barato do que a mercadoria de produção doméstica. Certamente, ela irá permitir importar tudo, desde a matéria prima ao artigo manufaturado. O algodão, a lã, o cacau, a borracha, o açúcar, o milho, o arroz, o feijão, tudo será importado, dentro do critério adotado. Porque a nossa produção é mais cara do que os artigos de importação. E não é só um fenômeno brasileiro. É uma contingência de qualquer país de índice de vida mais elevada. Os Estados Unidos, dentro de critérios semelhantes, também precisaram importar tudo, porque os seus salários são os mais elevados do mundo. E nós nos colocamos imediatamente depois dessa nação, recaindo assim sobre nós as consequências do crime de procurar pagar melhor aos seus colaboradores, ainda desprotegidos alfandegariamente, como nenhum outro país do mundo".

O sr. Reis Costa se referia à recente decisão do governo federal, criando facilidades para a importação de artigos que, mesmo fabricados no país o sejam em quantidade insuficiente ao consumo, ou a preços de venda considerados excessivos, quando em comparação com similares estrangeiros. É evidente, entretanto, que si essa medida for realmente adotada, todos os nossos produtos serão aliçados do nosso próprio comércio interno pelas razões acima expostas.

FUSÃO DE DUAS SOCIEDADES RURAIS DE S. PAULO

Os meios ruralistas de S. Paulo estão agitados diante da notícia de que se vão fundir duas mais importantes sociedades daquele Estado: a Sociedade Rural Brasileira e a Federação das Associações Rurais do Estado de S. Paulo, conhecida pela abreviação de FARESP.

A nova entidade terá a designação de Sociedade Rural Brasileira e o subtítulo Federação das Associações Rurais do Estado de S. Paulo, entre parentesis, cabendo-lhe propagar pelo fortalecimento da agricultura paulista.

ECONÔMICO

As diretorias de ambas as sociedades estão inteiramente de acordo com os termos do convênio que serviu de base à fusão, alegando que a função da nova entidade será defender as reivindicações dos ruralistas. Não pensam, entretanto, do mesmo modo alguns dos elementos mais representativos da classe, que alinham uma série de inconvenientes para combater a pretendida fusão. Entre os oposicionistas mais encarniçados está o dr. Francisco Malta Cardoso, membro do Conselho Consultivo da Sociedade Rural e figura de relevo nos círculos rurais de S. Paulo.

A PRÓXIMA SAFRA DE CAFÉ

As notícias relativas à próxima safra do café são realmente auspiciosas. Com relação ao assunto, chegam-se as primeiras notícias de S. Paulo coincidentemente com o início da colheita.

Segundo dados fornecidos pela Secretaria de Agricultura do Estado, a safra prevista para 1951 é de 7.720.166 sacas, o que representa um acréscimo de 200.000 sacas sobre o nível estimado para a safra anterior.

O tempo seco e com poucas chuvas do mês passado favoreceu bastante os serviços nos cafeais. A frutificação parece mais uniforme que na safra passada, o que favorecerá o tipo e o rendimento no benefício.

Há, porém, uma sombra que ameaça esse quadro otimista: o bicho mineiro. Apesar das longas chuvas dos últimos meses, a broca não proliferou. Mas o bicho mineiro, agora que recomeça a estiagem, já se manifestou. Não há, com efeito, zona do Estado de S. Paulo em que ele não tenha sido assinalado. Por enquanto, entretanto, não se conhecem os efeitos de sua ação daninha.

Segundo dados divulgados pela Divisão de Economia Cafeeira, a produção exportável da safra 1951-52 é a seguinte: S. Paulo, 7.700.000 sacas; Minas Gerais, 3.200.000; Paraná, 3.000.000; Espírito Santo, 2.300.000; Rio de Janeiro, 500.000; Bahia, 100.000; Pernambuco, 90.000; Goiás, 50.000; Mato Grosso, 7.000; Santa Catarina, 1.500. Total: 16.948.500 sacas.

A CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL E O AUMENTO DO SEU CAPITAL

A Comissão de Finanças do Senado e logo a seguir, o plenário daquela Casa de Congresso aprovaram, afinal, o projeto que autoriza o aumento do capital da Cia. Siderúrgica Nacional.

A usina de Volta Redonda precisa de mais quinhentos milhões de cruzeiros para completar o bilhão necessário às obras de aumento de sua capacidade. Os outros quinhentos milhões já foram obtidos em dólares, através do Export-Import Bank. Com

esse dinheiro serão construídos mais um alto-forno e dois fornos de aço, além do equipamento subsidiário, dentro do programa da Companhia, que é o de duplicar a sua produção e possibilitar, assim, o barateamento dos preços.

O projeto referido encontrou a mais favorável acolhida no seio dos senadores, que compreenderam o alcance de tão patriótica iniciativa.

Durante o debate que se travou no seio da Comissão de Finanças do Senado, um dos seus membros mais destacados, o senador Ferreira de Souza, fez declarações que poderiam levar à conclusão de ser a C. S. N. devedora do Loide Brasileiro e da Central do Brasil. A verdade, entretanto, é que a Siderúrgica e credora das duas entidades e de muitas outras. Essa situação, porém, não lhe tem impedido de continuar a trabalhar, na vanguarda das companhias que abastecem de aço nacional o Brasil.

A COLHEITA DO ALGODÃO

Dados oficiais calculam que a próxima colheita de algodão será de 300 mil toneladas. Desse total, São Paulo, que é o nosso maior produtor, fornecerá uma cota de 115 mil toneladas, destinada à exportação.

A seca no Nordeste trouxe, de início, graves preocupações aos meios algodoeiros, que contavam com uma redução drástica da produção daquela região. Em face das últimas estimativas, é de prever, entretanto, que a queda observada não será superior a dez por cento.

A CAPITALIZAÇÃO E SEUS BENEFÍCIOS

A Frudência Capitalização, conceituada companhia paulista, está chamando os seus portadores de títulos para pagamento de dividendos, ou de "quantias a que têm direito, conforme estabelece o artigo 9 de suas "Condições Gerais", — de acordo com os termos do edital.

Os títulos em vigor entre 1. de Janeiro e 31 de Dezembro de 1940, do valor de 10.000 cruzeiros, têm direito à bonificação de 301,30 cruzeiros; os de 10.000 cruzeiros, Prêmio Único, receberão 505,60 cruzeiros. Trata-se, como se vê, de uma bonificação verdadeiramente tentadora.

AS EXPORTAÇÕES DE BANANAS PARA A ARGENTINA

NOTÍCIAS de Buenos Aires informam que se exgotaram as licenças para a importação de bananas brasileiras. A informação chega a Santos precisamente no momento em que está a caminho da capital argentina uma comissão de representantes de lavradores, exportadores e técnicos, a fim de discutir o problema da colocação daquele produto no grande mercado platino.

A delegação brasileira vai pleitear uma cota de dez milhões de cachos, ao preço de doze pesos por cacho, mediante taxa cambial idêntica a do contrato anterior (oito milhões de cachos), isto é, peso a 3,30 cruzeiros.

Embora a cota de dez milhões satisfizesse plenamente as reivindicações dos exportadores brasileiros, é de causar estranheza que o nosso governo não tivesse obtido da Argentina uma reciprocidade de tratamento em relação às nossas frutas, pois é sabido que a produção argentina de frutas destinada ao Brasil (maças, peras, uvas, ameixas, pessegos, etc.) é desembarcada aqui livremente, sem estar sujeita a limites ou obstáculos legais de qualquer natureza.

O MILHO HÍBRIDO

Em face dos resultados altamente satisfatórios obtidos pelos nossos lavradores com o plantio do milho híbrido, o Fomento Agrícola de S. Paulo vai encetar uma grande campanha em prol da intensificação daquele plantio.

A produção de sementes nos campos de cooperação contratados pela Secretaria de Agricultura daquele Estado atingirá, segundo se espera, cerca de 60.000 sacas de 50 quilos. Como ainda restam da safra anterior quase 50.000 sacas disponíveis, o Estado poderá distribuir cerca de 110.000 sacas para plantio em 1951-52. Os preços serão reduzidos de 180 para 120 cruzeiros a saca. Além disso, visando atender aos pequenos plantadores, haverá acondicionamento especial em sacos de papel de 15 quilos, facilitando-se, assim, a tarefa de distribuição nas Casas da Lavoura.

Estuda-se, outrossim, a venda de sementes híbridas ao Ministério da Agricultura e aos governos estaduais. Experiências efetuadas com o híbrido paulista no Rio Grande do Sul, Paraná e outros Estados, proporcionaram resultados altamente favoráveis.

OS PECUARISTAS E O CANCELAMENTO DE SUAS DIVIDAS

COM a mudança do governo, os pecuaristas voltaram a pleitear novas vantagens, ou melhor, o cancelamento integral das suas dívidas. É evidente que não estão satisfeitos com os benefícios recebidos, representados pelo resgate da metade dos seus débitos e o pagamento do restante em doze anos.

Não escondem muitas entidades representativas dos criadores os esforços que estão desenvolvendo no sentido de obter o perdão integral dos compromissos assumidos por aqueles que se envolveram na escandalosa

(Continúa na pág. 50)



CELSO VIEIRA

ALGUNS grandes temas universais constituem este volume de ensaios de Celso Vieira. O título "O gênio e a graça" define bem o sentido dessas páginas de prosa fulgurante e erudita de que ressaltam as linhas de perfis ilustres. São interpretações novas de velhos textos que serão sempre fontes de estudo e de revelação das forças eternas do espírito. Quando se penetra a infinita profundidade do "Quixote", por exemplo, nunca a luz da inteligência consegue atingir a um limite que não esconde, como um horizonte, aspectos capazes de desafiar os escafandristas de almas para oferecer-lhes à curiosidade inquieta fenômenos ainda insuspeitados. Conheço uma imensa literatura quixotesca ou cervantina que tem em Miguel de Unamuno a sua mais elevada culminância. Vários brasileiros — entre eles Josué Montelo e Viana Moog — mergulharam nesse oceano e nos deram esplêndidos trabalhos dignos de meditação pelo interesse demonstrado em

UM GRANDE LIVRO DE ENSAIOS

tirar dessas águas revoltas do pensamento matéria para a descoberta de itinerários. Aos capítulos esquecidos por Cervantes, de Juan

Montalvo, Celso Vieira acrescenta muita coisa rica de originalidade e que nos apresenta o herói manchego através um prisma diferente e mais ao alcance da compressão contemporânea. Os conflitos verbais de Quixote e Sancho são verdadeiros diálogos de consciências antagônicas. E neste livro do eminente autor de "Anchieta" pode-se contar com um guia perfeito e comunicativo para a viagem ao redor do Cavaleiro da Triste Figura e seu tardo e astuto escudeiro. Qualquer dos demais ensaios que compõem esse maravilhoso florilegio de encantos nos arrasta à contemplação de mundos em que se movem sombras preclaras, figuras de mulheres-símbolos, vultos de poetas que escreveram com sangue ardente as suas estrofes imponentes. Mas um deles nos fala mais de perto ao coração e ao entendimento: o em que Celso Vieira nos pinta a fisionomia de Olavo Bilac situando-o na posição singular que lhe cabe na nossa literatura. O cantor da "Via-Latea" e do "Caçador de esmeraldas", o pregador galhardo do patriotismo, o intrépido despertador de ener-

CARLOS MAUL

gias cívicas, o mestre sedutor que sabia como ninguém fascinar as crianças, o apaixonado lírico que teceu à sua amada a mais linda corôa de rimas, nós o sentimos vivo e presente nesse estupendo capítulo que equivale a uma ressurreição. Nada falta ao que Celso Vieira nos descreve em língua de ouro fulgido para a glória do homem que um dia será objeto de culto público em todas as latitudes da nossa terra. Carlyle afirmou de Shakespeare: "Um Rei Inglês que nem tempo nem acaso podem destronar, um signo de ligação e um traço de fraternidade entre os saxonios. Onde houver homens e mulheres britânicos eles dirão um ao outro: Sim, esse Shakespeare é nosso!" Na sobrevivência do Brasil Olavo Bilac aponta entre os vultos solares, uma cota das mais altas na planície dos séculos. Ele é, como o campônio pobre de Warwickshire, um signo de ligação e um traço de fraternidade entre os brasileiros. E onde quer que se encontrem homens e mulheres sentindo e falando a língua sonora de nossa terra, eles dirão também um ao outro: Sim, esse Olavo Bilac é nosso!

Direção de Antonio A. de Souza e Silva e Oswaldo de Souza e Silva



EXCESSO DE LOTAÇÃO

MALHANDO *em ferro frio...*

A MORTE NO ASFALTO

O Rio está ficando cada vez mais inabitável. Para ir de um bairro para outro leva-se mais tempo do que para ir do Rio a São Paulo ou a Belo Horizonte de avião e há certamente muito mais riscos numa viagem de bonde, ônibus, lotação ou automóvel, de um ponto ao outro da Capital Federal, do que numa viagem aérea, mesmo em dia de cerração, para qualquer lugar do mundo.

Aliás, para morrer aqui não é preciso tomar um veículo coletivo: basta botar os pés fora da calçada e atravessar a rua. Um pequeno deslizado e — lá se vai uma fida. A safra de cadáveres e mutilados que se colhe diariamente nas vias públicas do Rio de Janeiro é algo espantoso em relação à população da metrópole brasileira.

Os jornais dizem que a morte está no volante que os assassinos dirigem automóvel, que o asfalto transformou-se

em *jungle* e outras coisas igualmente literárias e sonoras. Mas isso não altera em nada o panorama. Por isso os carros não deixam de andar em loucas disparadas nem diminui o número de atropelamentos e choques de veículo. Morre mais gente em consequência de acidentes de trânsito nesta cidade do que de tuberculose, câncer ou do coração. E quantos motoristas assassinos já foram para a cadeia?

Mas não é apenas o perigo dos automóveis que torna a vida dura e faz do Rio uma cidade em que a gente evita sair de um bairro para outro. É também a dificuldade da locomoção. Ir de Copacabana até um subúrbio da Central do Brasil é quase uma aventura. Se não acreditam, perguntem ao Prefeito João Carlos Vital que tem percorrido alguns subúrbios e acabou encomendando um auto-giro nos Estados Unidos para poder fazer essas visitas de inspeção...

CAVEIRA DE BURRO

Antigamente, quando o carioca queria significar que alguma coisa estava com azar, dizia que aquilo tinha caveira de burro, como a Central do Brasil. Mas os sujeitos que tinham azar e que ainda hoje andam por aí provocando desgraças e levando empresas e indivíduos à falência, estes tinham mesmo *urucubaca* ou *peso* e não como hoje, que têm *lançatrela* ou são *araqueados*.

A verdade é que tudo dá na mesma. Se o Rialto ainda hoje continua dando prejuízo aos empresários que tentam explorá-lo é porque não existe mais. O Phenix, porém, cada vez que se abre, é para fazer um rombo no bolso de quem teima em perturbar-lhe o silêncio de tumulo em que se compraz. E quanto à Central do Brasil, que naqueles velhos tempos era apelidada de Estrada de Ferro Caveira de Burro (E. F. C. B.), ainda hoje é a mesma coisa, apesar de suas linhas eletrificadas e de sua gare arquitetônica. Ela continua a fabricar catástrofe e a encher cemitérios e hospitais com a mesma regularidade dos bons tempos. E até parece que está aperfeiçoando o sistema de maior por atacado ou, pelo menos, está melhorando seu próprio *record*, como bem mostra o mais recente dos seus desastres espetaculares — a hecatombe

de Nova Iguaçu, da qual resultaram tantos mortos e feridos como de uma batalha na Coréia ou de uma epidemia na Índia.

Mas não há de ser nada. Para isso mesmo é que o brasileiro é o povo mais resignado do mundo.

Barnabé ri por último

Em matéria de "tabela única" — honra seja feita ao governo — a opinião pública não foi decepcionada. O sr. Getúlio Vargas, antes de assumir o governo, declarou que os intrusos que haviam penetrado no serviço público pela janela voltariam pelo mesmo caminho. E de fato, nestes últimos dias, não se tem visto outra coisa senão extranumerários voando para fóra. As listas de demissões ocupam colunas de jornais, pois o número de "penetras" sobe a várias centenas, atingindo talvez a casa dos milhares. Por mais que repugne ao temperamento brasileiro esse negócio de demissões em massa, este era um caso em que o golpe cirúrgico era indispensável. Não é apenas porque o Brasil precise de fazer economias para equilibrar os orçamentos. Bolas para o equilíbrio orçamentário! Mas não é todo o dia que se presencia um escândalo como este das "tabelas únicas".

A coisa resume-se nisto: o Congresso vetou uma lei, determinando que fossem unificadas as tabelas de extranumerários de cada ministério. Está claro que as "tabelas únicas" deveriam ser apenas uma reestruturação do pessoal já em função. Mas não entendeu assim o governo passado que, em todos os Ministérios, aproveitou a criação das "tabelas únicas" para inventar uma série de novas funções e nelas encaixar centenas de afilhados. Enquanto, por um lado, o governo baixava uma, duas, inúmeras circulares, recomendando parcimônia nos gastos e proibindo novas admissões de extranumerários, por outro lado, ajudava centenas de rapazes e moças a pularem para o serviço público, sendo que muitos deles para excelentes empregos de 5-6 mil cruzeiros por mês.

Quando isso se verificou, toda gente ficou desejando uma vassourada em regra. Principalmente, os velhos extranumerários, os eternos Barnabés do serviço público, em cujo orçamento sempre falta um zero, e que viam a oportunidade desta reestruturação servir aos mocinhos e às mocinhas bem apadrinhadas, enquanto ele continuava marcando passo entre os dois e os três mil cruzeiros mensais...

Dizem por aí que praga de urubú não pega em cavalo gordo. Não pega uma brisa. Os "penetras" das "tabelas únicas" que o digam.



BENEDITO — Se fosse você não tinha aceitado o cargo. Você nunca entendeu de petróleo...

JURACY — Mas você, também, nunca entendeu de política e aceitou um lugar de governador...

POR ocasião da visita a uma cidadezinha do interior fomos procurar velho amigo que, dono duma tipografia, sempre nos enviava o jornal da localidade. Contou as atrapalhões em manter, mesmo semanalmente, a folha representativa da vasta zona do norte do Estado, agora melhor recompensada com o trabalho calmo e rendoso de fazer envelopes, cadernos escolares, faturas, blocos comerciais, cartões de visita, sem os precalços de rixas da sempre infame política de campanário. Mostrava o amigo João a alta louca dos preços, o desequilíbrio orçamentário, a deficiência de numeração, a valorização do operário em região rural — o drama em marcha para a tragédia. Na marcha da conversa vinha-se falando em "deficit", deficiência de importação, falta de braços, chegou-se à maldada Ditadura de triste e dolorosa memória. No período agudo em que



TERRENO PERIGOSO

GETULIO — Precisamos de você, Osvaldo!

ARANHA — Não pode ser, Getulio. Aranha velha não faz teia em lugar onde haja ventania!...

CRIME SEM CASTIGO

SEBASTIAO FERNANDES

se havia rasgado uma Constituição, um desses Institutos — ninho de ra-

tos e aves de rapina — aparecera um fiscal que vivia pelas regiões rurais catando incautos e inventando defraudadores da lei nos homens

modestos e quase analfabetos. Era preciso sob todas as formas sugar; não bastava ser roedor; era preciso sugar...

Entrara pela tipografia do meu amigo João uma figura que, pela

pasta debaixo do braço, mostrava a imponência da autoridade. Cumprimentou, abriu a pasta e foi infor-

mando de que eram autos de apreensão.

O bom João ficou um tanto nervoso, porque, mesmo sendo cumpridor dos deveres de cidadão e comerciante, dentro duma ditadura tudo é possível e temeu que algum folheto atirado pelas ruas da Capital Federal tivessem origem lá pelo seu rincão e sua humilde tipografia.

Mas que lhe perdoasse, nada tinha contra sua tipografia; pelo contrário, era um favor de suas máquinas que vinha buscar. Era uma visita de amigo. A pasta estava cheia de documentos, papéis mostrando quantas moendas tinham sido apreendidas.

— Moendas?

— Sim! Moendas que os humildes lavradores conseguiam esmagar cana e depois de melado consolidado nos paralelepípedos de açúcar; a rapadura.

— Fazer rapadura é vedado!

Está proibido!

— É crime perante o Estado!

— Só se pode fazer açúcar nas uzinas.

— Está aqui o auto de apreensão.

— Vamos retirar tudo isso. Assine aqui.

Ninguém podia abrir a boca e bravar sobre um crime oficializado. Era o princípio da grande desgraça. Em breve seria o descanso pela gente do campo. Das cidades grandes vinham as leis sociais protegendo o operário. Salário mínimo, Assistência social. Granfinagem com retratos espalhafatosos.

— Soube que sua tipografia tem uma boa máquina de grampear.

E o amável João ficou segurando por alguns instantes uma enorme papelada para grampear: os autos de apreensão.

O alto figurão corra alguns logarejos, organizara aqueles documentos que formavam os processos da nova inquisição. O novo feudalismo.

O sereno João estava com as faces rubras. Palmilhou as folhas e à proporção que as colocava na máquina,



DOIS DE PAUS

GETULIO — Parece incrível! Salazar não quer ser Presidente!...

ADEMAR — Ele é dos meus! Quer mandar...

ESPIONAGEM



O desaparecimento de dois funcionários do "Foreign Office" agitou a Inglaterra e toda a Europa. Os telegramas não explicam o que eles transportavam de tão importante em sua bagagem, que provocou tanta emoção nas Ilhas Britânicas e no continente, dando lugar a uma das mais sensacionais batidas policiais em todos os países de fora da "Cortina de Ferro" e levando o governo inglês a reunir-se, mas é evidente que não iam de mãos abanando, devendo carregar consigo documentos importantíssimos. Tão importantes, que logo se noticiou que o governo de Sua Majestade ia modificar o seu Código Secreto. Também não ficou claro se eles fugiram ou se foram raptados, mas tudo indica que simplesmente se evadiram. Seja como for, parece não haver a menor dúvida a respeito do seu destino, pois todos os olhares apontam para Moscou. E é isso que dá que pensar. Não é raro, nem mesmo difícil o caso de diplomatas que somam com preciosos documentos no bolso, documentos que vão aparecer, dias depois, em poder de uma potência concorrente ou inimiga. O que não é comum é a frequência com que casos semelhantes se vêm repetindo ultimamente. De vez em quando, aparece notícia de que alguém, senhor de segredos preciosos, desapareceu do mundo ocidental ou foi apanhado em ligação com agentes soviéticos. Quando não é um diplomata, é um cientista especializado em assuntos atômicos. De onde vem o tremendo poder de corrupção que a Rússia parece possuir? Do ouro de Moscou ou simplesmente da ideologia comunista? Nesta última hipótese até onde estará realmente minado o edifício do poder ocidental? É por isso que o desaparecimento destes dois diplomatas britânicos causa emoção. Fica-se a pensar se o próprio "Foreign Office" não estará cheio de simpatizantes do bolchevismo, só esperando a oportunidade de bater asas para Moscou ou, pelo menos, de passar aos agentes preciosas informações.

A ÚLTIMA QUE MORRE...

Se palavras pudessem matar tubarão, já teríamos vencido no Brasil a batalha dos preços. Nestes últimos meses, temos presenciado a maior ofensiva verbal contra os especuladores de todas as espécies. Mas, ao que parece, nas funduras em que vivem, os tubarões não se apercebem do que dizem deles, nem ligam para ameaças, porque o certo é que os preços não têm feito outra coisa senão subir. Pior ainda: os exploradores do povo nem ao menos tomaram cuidado para modificar sua técnica de sonegar os produtos para gerar a escassez e elevar os preços. Faziam isto no governo passado e estão fazendo a mesma coisa agora. Bem, é possível que as coisas pouco a pouco acabem mudando, pois, não há dúvida de que o governo está fazendo todo o possível para aumentar a produção e aumento de produção quer dizer, em toda a parte, abundância, fartura, que, por sua vez, significa barateamento das coisas. Por outro lado, o governo pediu leis contra os especuladores, e o Congresso vai concedê-las, pois, até mesmo o partido da oposição — a U. D. N. — já declarou que aprovaria os ante-projetos de leis de economia popular enviados ao Legislativo pelo Poder Executivo.

Entretanto, os tubarões não deram o menor sinal de que estão com medo do arpão. Ao contrário, eles estão cada vez mais desenvolvidos e pimpões. E o povo começa a perder a esperança. Porque o povo esperava milagre ou algo parecido e só nas Escrituras Sagradas é que o Verbo se torna carne...

Mas não vale a pena desanimar por tão pouco. Governo é coisa de gente e não de santo. Vamos manter o crédito de confiança e esperar com um pouco de paciência. Não custa nada esperar mais um pouco, não é?



O SEGUNDO VICE — Nereu — Ora, veja! Eu não sou jaboticaba, nem você goiabeira e o café está plantado entre nós dois!...

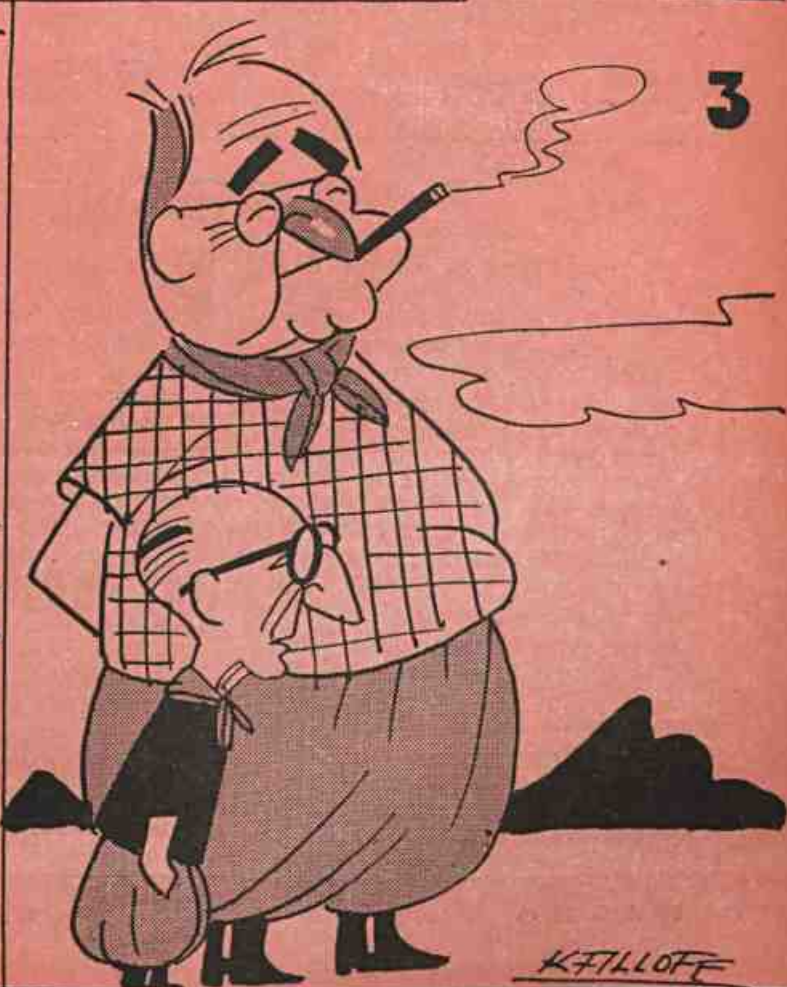
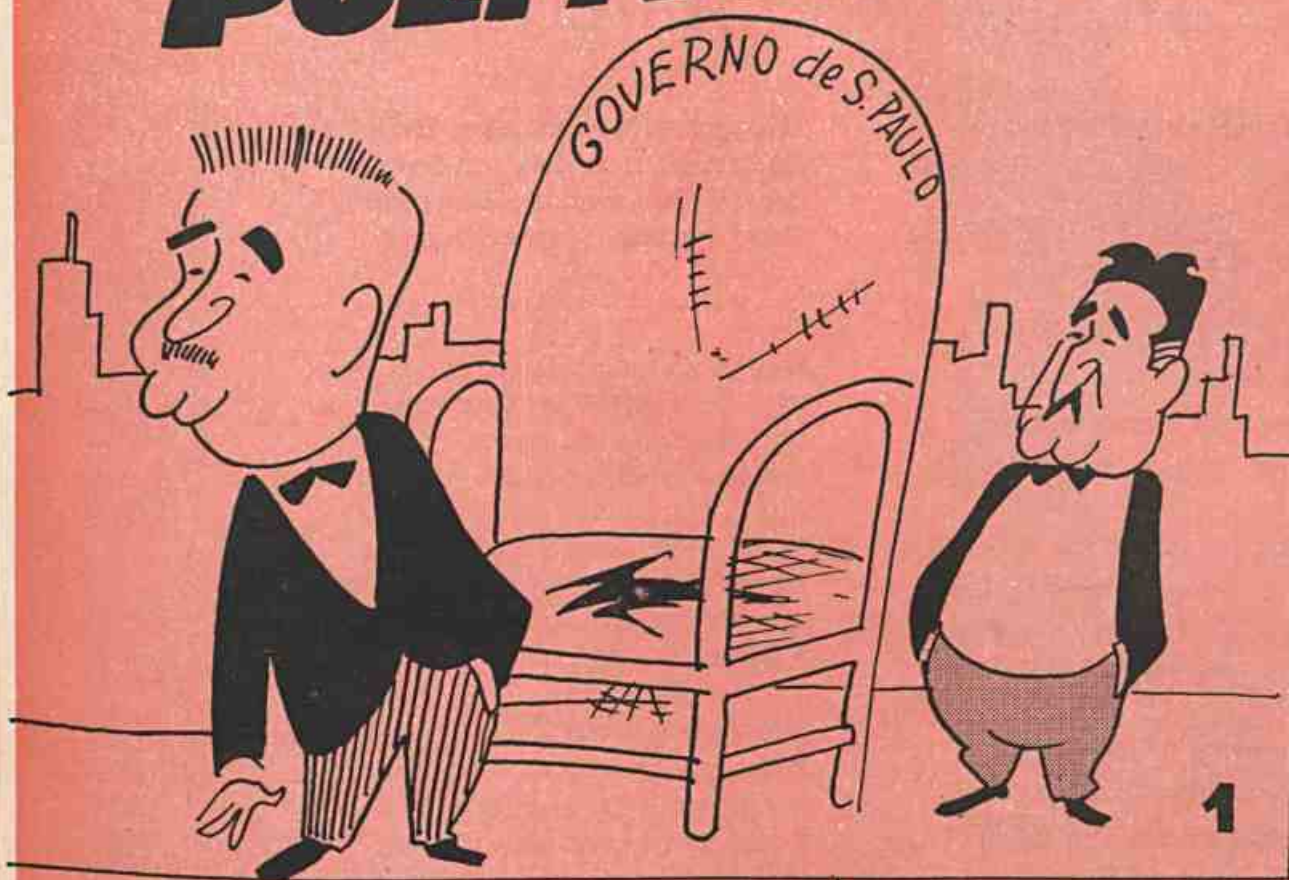
FILMES POLITICOS

texto e
desenhos de
Kalloff

1 Presença
de Anita

2 Terra sem lei

3 Filhinho do
papai



KALLOFF



RISO e SISO



ESTILO... P'RA LAMENTAR

TODOS aqueles que usam da palavra
Em nosso nome — em nome da Nação,
Cujó prestigio tanto se escalavra! —
Perderam o direito ao palavrão...

Quer defendam as leis, ou qualquer posto,
Seu estilo se deve regular
Pelas normas eternas do bom gosto,
De contrário, vai ser... p'ra lamentar!

Lembrem-se sempre, no julgar das faltas
— Faltas próprias... impróprias ou alheias —
Que sempre, sempre, as Câmaras são altas.
Com vozes baixas, e sem frases feias!

Tendo os largos recursos da eloquência
À mão, em vez de estreitos "casse-têtes",
Por que deixar o esplendido "Excelência",
Que castiga conforme se repete?

Não ignoram, Senhoras e Senhores
Encarregados de falar ao Povo,
Ser máximo requinte de oradores
Fazer gemadas sem quebrar um ovo!

.....

Mesmo no tempo de um feroz cinema
Em que a violência reina pelas telas,
Parlamentares da chamada "gema"
Dispensam as lições dêles e delas!

Quero dizer, daqueles e daquelas
Diante de quem é justo que se trema
Quando "engatilham" falas ou dão "trelas"
A nova "estrêla", sobre velho tema...

Não gostaram dos versos? Digam, belas,
E bons leitores, digam! O meu lema
É receber as críticas singelas,
E respeitar as limpidas querelas,
Como os Poetas respeitam o poema!

RISOLDA

PROPAGANDA EM GOALS

PODEM dizer o que quiserem
contra o futebol: que é um
esporte grosseiro; que perturba a
mocidade e tira-lhe o senso dos
valores, transformando em he-
rois, aos seus olhos, alguns *cracks*
mais ou menos boçais; que cria
hostilidades e desavenças entre os
povos do continente, em vez de
uni-los, etc. etc. Podem dizer o
que quiserem. Mas a verdade é que
o futebol brasileiro está fazendo
por este pobre país o que a diplo-
macia não conseguiu fazer e o
samba tentou e não pôde fazer:
está tornando conhecido o Brasil
na Europa, está realizando uma
propaganda formidável e gratuita
para a nossa terra.

Vejamos só: nestes últimos mē-
ses, três turmas de futebol excur-
sionaram por quase toda a Euro-

pa. Uma delas, a Portuguesa de
Santos, foi até à Turquia, foi à
Península Ibérica e à Escandina-
via, jogando e vencendo por toda
parte.

Na mesma ocasião, outra tur-
ma de jogadores do São Paulo e
do Banerj excursionava pela Fran-
ça, Itália, Alemanha, Austria, Di-
namarca e Portugal, numa sensa-
cional e vitoriosa maratona espor-
tiva. Depois, uma turma do Fla-
mengo foi à Suecia, à Dinamarca,
à França e a Portugal, com o mes-
mo êxito.

Ora, a presença de uma equipe
dessas em cada país europeu tor-
na familiar, pelo menos ao público
desportista, o nome do Brasil. Além
de tudo, graças às vitórias contra
os melhores times europeus, o fu-

tebol brasileiro impôs-se como uma
curiosidade pública, pelo jogo vis-
toso e brilhante, de modo que o
número de interessados em co-
nhecê-lo é cada vez maior. Além
de tudo, hoje, entre os aficionados
do futebol, fala-se no estilo bra-
sileiro como uma técnica nova e
sensacional que atrai imitadores.
Qual é o outro produto nacional
que conseguiu tanta popularidade,
fora do país?

Os intelectuais, cujos livros qua-
se ninguém lê no exterior — nem
mesmo em Portugal — e cujos no-
mes ninguém conhece no estran-
geiro e mal se conhecem dentro
do território nacional, devem tir-
rar o chapéu ante os bravos rapa-
zes que fizeram tão inesperada e
interessante propaganda para uma
terra tão desconhecida, como era
a nossa, na Europa.

PRÊSO POR BANDITISMO UM SOSIA DE RASPUTIN

SIGURD

LE tem qualquer coisa de Rasputin" — comenta-se em Narvik, à menção do nome de Torbjorn Hansen, que ficou famoso por ter morto dois pilotos noruegueses e ter sido objeto de uma caça sensacional, feita por aviões. Efetivamente, seu rosto apresenta os traços característicos de Rasputin, aquele monge russo que, de 1914 a 1917, emergiu do crepúsculo dos claustros ortodoxos para o clarão da história. Traz, como o russo, cabelos longos e maltratados, caídos sobre os ombros e uma barba em ponta, talvez um pouco menos mal tratada que a do seu sosia. Um traço a mais tem ele de comum com o monge: fala e lê o russo. Dizem que aprendeu essa língua durante sua estada num campo de concentração em Grini, perto de Oslo. Dizem outros que estivera em um campo de trabalhos situado além do círculo polar. Voltando às características exteriores deste homem, do qual fala hoje toda a imprensa do Norte e que vai constituir, para os especialistas, objeto de estudos aprofundados, devemos dizer que há qualquer coisa de místico e, ao mesmo tempo de sensual, em seus olhos. Há neles um brilho e um fervor que não enganam as moças do Norte, se ele tenta abordá-las. Talvez tenham elas sabido que Hansen, aos 19 anos, teve um filho com uma moça das cercanias de Narvik, fato este não de todo incomum nos países do Norte.

Torbjorn Hansen possui uma viva inteligência, se bem que lhe faltam estudos sistemáticos, dos quais se viu privado aos 16 anos, época em que os alemães o internaram, como a muitos outros noruegueses, no campo de concentração de Grini, perto de Oslo. Era o mais jovem dos prisioneiros. Foi, então, que este jovem de extraordinária sensibilidade, possuindo uma alma rica escondida sob aparências simples, suportou todas as atrocidades de um regime cujo método era subjugar

as almas por meio da violência e da força. Graças à sua pouca idade, foi possível libertá-lo. Logo que chegou a Narvik, porém, foi Hansen novamente preso e, desta vez, pelos seus próprios compatriotas, pertencentes a "Samling National", organização nacional de Quisling. Os partidários de Quisling não poupavam nem mesmo os compatriotas, quando estes lhes caíam nas mãos. Desde este tempo, concebeu Hansen uma desconfiança mesclada de ódio para com todos os noruegueses. Aqui está a explicação do assassinato dos dois pilotos noruegueses que partiram em busca de Hansen, para as regiões montanhosas do norte da Suécia e Noruega e que, devido a um defeito do motor, foram obrigados aterrisar muito perto do "igloo" onde se escondia Hansen. Não sabiam, aliás, onde se encontravam e Hansen, ciente de que o viriam prender, matou um deles a tiros de fuzil. O outro, armado somente de um revólver, tomou posição atrás de um bloco de gelo, onde os tiros disparados por Hansen e visados com calma de velho atirador, não o poderiam atingir. Hansen passou depois a lhe assegurar que não lhe faria mal algum e o piloto saiu de seu esconderijo, até que, imediatamente, lhe custou a vida. Uma bala na cabeça poz fim à vida deste homem que saíra incolume das provocações da guerra e fóra, recentemente, chamado para servir na aviação.

QUANDO COMEÇOU A SE TORNAR, AGRESSIVO

Hansen, na sua juventude, demonstrara vivo interesse pelos estudos, mas saíra completamente mudado do campo de concentração. Perdera interesse e amor pelo trabalho. Só lhe interessavam os romances de aventuras e a caça. Passava dias inteiros nas cercanias de Narvik, na antiga linha de "frente", donde trouxe



Torbjorn Hansen, o sosia de Rasputin

um dia uma granada que lhe explodiu nas mãos. Os ferimentos não foram graves, mas o choque causado pela súbita explosão foi nefasto. Tornou-se agressivo para com os de casa e mesmo para com estranhos. Foi preciso pô-la em hospital de moléstias nervosas. De lá, escrevia cartas comovedoras a seu pai, que o adorava; estas cartas eram gritos de uma alma agonizante que pedia a liberdade. "O espaço e o azul do céu, eis o que me falta", — escrevia ele. Uma vez livre, porém, tornava-se perigoso. Três vezes foi internado, desde 1949. De 1950 em diante, passou algum tempo mais calmo, vivendo a maior parte do tempo em seu pequeno quarto cheio de livros, entre os quais se encontravam todos os clássicos do Norte, bem como muitos autores alemães e russos. Lia muito. Um dia, porém, pouco antes do Natal, foi tomado pela nostalgia da montanha. "Preciso partir, preciso partir" — repetia incessantemente. A uma pergunta de Ingrid, sua irmã mais velha, respondeu com um gesto vago, indicando as montanhas. Isto dizia tudo. Hansen partiu e tornou-se o "homem errante" — como ele mesmo dizia — eu o "marinheiro do espaço azul". Seu pai, homem respeitado por suas boas qua-

lidades e zelo pelo trabalho, carpinteiro de profissão, teve o pressentimento da tragédia que pouco depois ia se desenrolar e ficou desesperado. Hansen estabeleceu-se definitivamente na costa da Noruega, a cem quilômetros de Narvik, na região do lago Sitasjaure, num pequeno núcleo de tribus nomades de lapões que, neste tempo, andavam arrebanhando suas renas para a manutenção, grande acontecimento da estação.

UM DIÁRIO CÍNICO DE SUA VIDA

Hansen, cuja grande paixão era a caça, logo entrou em atrito com os lapões, que não só proibiram categoricamente, a caça, como também recomendaram-lhe que não desse nenhum tiro de fuzil para não espantar as renas. Não cedendo a estas exigências, viu-se constrangido a voltar à costa, a certo lugar chamado Akka, onde exestia uma cabana de turistas. Começou aqui a escrever o diário de sua vida, esse mesmo diário, tantas vezes qualificado de cínico, por causa da franqueza com que relata roubos e incêndios de cabanas de turistas, na "sua região". Todo o terreno

(Continúa no fim do

AS MULHERES TAMBÉM TÊM ASAS

CRÔNICA POR
PADUA DE ALMEIDA

As mulheres têm asas... Mas essas asas não se prendem às suas costas; somente, pousam no outro lado, naquele ponto ideal em que as suas linhas se assemelham a dois céus. São os leques...

Eles vieram de longe. Dizem que foram os Chineses que tiveram a idéia de fazê-los aparecer no mundo. Seriam eles? Um dia — referem alguns cronistas velhíssimos — um homem de campo, ao ver um morcego abrir e fechar as asas, resolveu inventar um objeto para afastar o calor e os insetos. E assim nasceram os leques.

Os leques — tão lindos — foram inspirados por um morcego. Muita gente, ao saber disto, ficará decepcionada. "Não é possível — dirá, veemente — De certo, foi de uma ave do paraíso ou de uma flôr que teriam surgido".

O leque é uma coisa tão sutil, que parece a continuação da própria beleza feminina, uma espécie de vôo de seda entre varetas: dêse modo, nada melhor do que ele para ser o veículo de um poema. Inúmeros foram os poetas da China que escreveram sobre os leques seus madrigais, pois ali sua alma se sentia à vontade, como uma rosa na mão da criatura amada.

O espírito chinês evoluiu sempre da natureza para a poesia. Mas, às vezes, regressa ao ponto de partida, como no caso das ventarolas. As ventarolas — irmãs pobres dos leques — no início, eram quadradas; depois, é que tomaram a forma de uma fôlha de nenufar. Dessa maneira, partiram da natureza e chegaram à fantasia, para afinal, voltarem à natureza.

O interessante na história dos leques e das ventarolas é que, enquanto aqueles foram se tornando cada vez mais aristocráticos, estes desceram na escala social, permanecendo nos meios populares. Os mandatários usavam grandes leques de marfim, de sândalo, de madreperola e de ouro, com pinturas em relevo, e muitos desses leques eram tão esplêndidos que não ficariam em situação inferior se alguém os desdobrasse ao lado dos mais suntuosos jarrões imperiais.

Já dissemos que a configuração dos leques atuais — os que se abrem como a luz da manhã no horizonte — veio da China, e, ainda que não existissem documentos que comprovassem, materialmente, essa verdade, bastaria olhá-los para que se descobrisse neles a centelha da alma chinesa, aquela palpação de requinte que vemos nos vasos, nas poesias e na indumentária do antigo País do Meio.

A Europa, na Idade Média, só conhecia as três modalidades de leques primitivos: o que tinha o feitiço de bandeira, o circular e o que imitava uma grande fôlha de planta aquática. Apenas com o Renascimento, depois que os navegadores dos países latinos atingiram os mares do Extremo Oriente, é que os europeus vieram a conhecer o leque dobrável, cujos primeiros exemplares teriam sido levados para a Itália, para Portugal e para a Espanha.





O século XVIII, entretanto, trouxe à arte ocidental aquele refinamento e aquela espiritualidade a que os Chineses haviam chegado milênios antes. A mentalidade guerreira ou religiosa dos nossos antepassados não podia conceber um objeto suave como um leque de estilo chinês: sua capacidade estética não ia além das harpas, das baladas e dos vitrais místicos.

Luiz XIV se apaixona por Madame de Montespan, e esse amor inunda a França de uma doçura que, mais tarde, se espalha por todo o Ocidente. A graça passa a substituir a força, em toda parte. O barroco se afina, adquire uma delicadeza entre sensual e espiritual, e reduz toda a arte a um esquema de sonho amável, dando a todas as coisas a conformação de uma reverência.

Watteau começa a pintar miniaturas. Seu pincel, habituado às largas telas, se transforma num raio de luar quase invisível, que se embebe no óleo ou na aquarela, e baila e esvoaça entre a seda e as varetas. Moreau, sonhando, não se utiliza mais das suas tintas: trabalha com a alma, sobre os leques. E Lancret faz ressurgir, dentro de dois palmos de gaze ou de renda, o mundo das

slfides, que haviam desaparecido na antiguidade, como uma flôr que se desfolha...

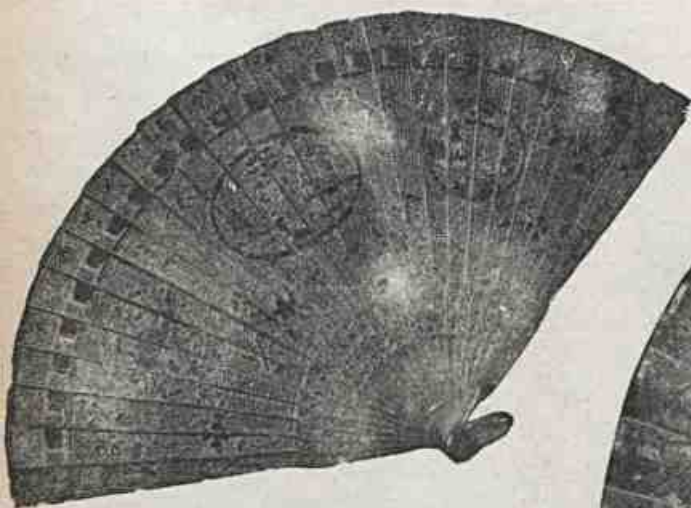
Depois, os acontecimentos de 89 encheram de sangue os leques maravilhosos da aristocracia. E os admiráveis exemplares pintados pelos maiores mestres da época rolaram despedaçados, como, na guilhotina, a cabeça das suas donas, para ceder lugar aos poucos leques sinistros dos revolucionários, onde se liam inscrições vulgares.

A seguir, no Diretório, as mulheres parisienses usaram leques embuçados em crepes...

Enfim, na segunda metade do século XIX, com o romantismo, os leques voltaram a seu esplendor, em França e em todo o mundo.

Só em Paris — afirmam os pesquisadores — havia, naquele tempo, cerca de duzentos fiabelistas.

E, então, as mulheres elegantes reconquistaram as asas que tinham perdido com a Revolução, asas essas que, agora, neste século árido e imenso, vão desaparecendo novamente...



homem estava na fila do ônibus com ares de grande impaciência. Era um cidadão quasi sexagenário, modestamente vestido, sapatos baratos mas limpos, roupa velha, porém, bem passada, chapéu já um tanto surrado pela ação do tempo. Conservava um ar de grande dignidade, dando a impressão de ter sido um homem de trato.

— Veja o senhor — disse ele, logo que notou a nossa presença. Há mais de uma hora que estou nesta fila à espera de um ônibus. Já chegaram dois deles mas havia tanta gente à minha frente que não pude mais enfiar. São quasi sete e meia da noite e não sei francamente, a que hora poderei chegar à casa. Como estou muito distante, já não chegarei mais a tempo de jantar com minha família. Todos os dias é a mesma coisa. As seis horas da tarde já estou na fila e aqui fico um tempo enorme, de pé, a aguardar a minha vez de viajar. Não sou mais criança e essa longa espera, numa posição tão incomoda, me fatiga muito. Na época da guerra, ainda se suportava isso, de vez que se dizia haver falta de veículos por que os americanos não nos mandavam carros novos.

Hoje o país está abarrotado de carros de todas as procedências e tipos: inclusive dos Estados Unidos, e entretanto a C.M.T.C. ainda não providenciou para colocar os ônibus necessários nas suas linhas. O resultado disso é que os passageiros, depois de esperarem tanto, chegam à casa cansado e profundamente enervado. O pior é que no dia seguinte, ainda muito cedo, recomeça o nosso martírio.



No largo do Correio, ponto terminal de várias linhas de ônibus, formam-se muitas filas. A proporção que elas crescem, mais difícil se vai tornando a identificação dos itinerários. Muitas vezes, o passageiro chega e, só depois de longa espera, é que verifica ter entrado numa fila errada . . .

SÃO PAULO E A CRISE DE TRANSPORTES

Quem tem pressa vai a pé.. O homem cansado, da fila, tinha razão.

A C. M. T. C. gasta o dinheiro á vontade, mas não compra ônibus, nem melhora os bondes... Dois milhões de sofredores sem esperança de ver as coisas melhorarem.

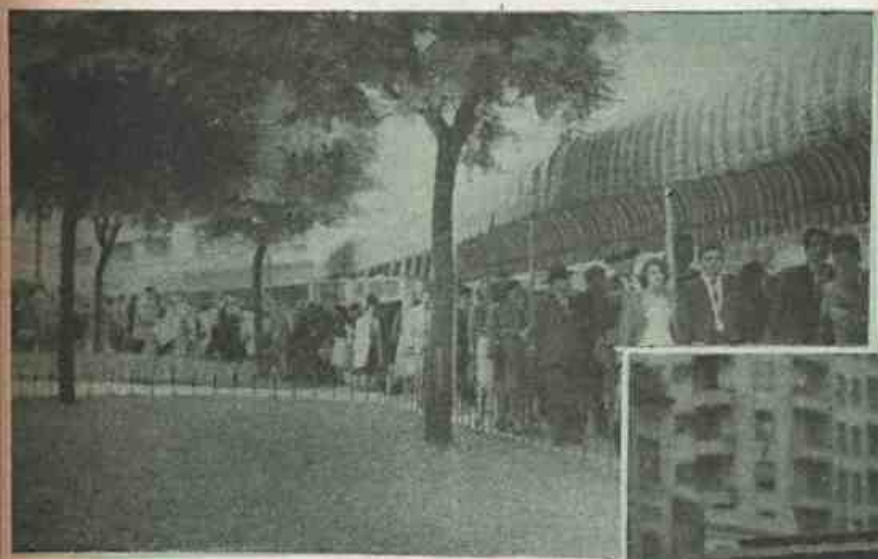
Estes esperam com mais conforto. Mas, frequentemente, ficam horas inteiras, sob o sol, a aguardar o ônibus. Os que vem por último, esses nem direito a solido têm . . . Também, as filas, às vezes, vão a mais de uma centena de metros de extensão!

lista, durante o dia inteiro e, sobretudo, à noite, à hora de regressar ao lar.

São Paulo é inegavelmente uma grande cidade, com os seus dois milhões de habitantes, suas avenidas largas e bem cuidadas, seus cinemas modernos e sempre repletos, suas confeitarias elegantes, bem frequentadas, sua cadeia de hotéis confortáveis, onde nem sempre é fácil encontrar lugar, seu comércio de luxo, regorgitando de fregueses exigentes, — requisitos que só uma cidade adiantada pode apresentar.

São Paulo, porém, à semelhança das grandes cidades brasileiras, sófre as consequências de um grande mal — a crise de

Antes mesmo dos bondes pararem, já são assaltados por uma legião de passageiros. Este, por exemplo, ainda está em movimento e, no entanto, dezenas de pessoas já se precipitam, batustre acima, em busca dos melhores lugares.



Ah, triste daquele que mora longe e que não tem recursos para viajar de automóvel particular. Ou fica à espera do ônibus, ou do bonde. E qualquer um deles, é difícil de tomar.

Na simplicidade da sua linguagem, o homem desanimado da fila tinha razão. Razão têm outros milhares que formam diariamente as longas filas que aborrotam as ruas centrais da capital pau-





Aproveita-se tudo quanto é meio de transporte, embora alguns não sejam lá muito dignos. Estes, por exemplo, viajam mais como se fossem gado em pé... Mas é preciso chegar ao trabalho, e todo sacrifício é pouco.

transportes. Porque São Paulo, de fato, tem tudo o que pôde aspirar uma cidade civilizada, mas... não tem transportes. A companhia concessionária desses serviços, embora ainda não oficialmente encampada, foi praticamente absorvida pela Municipalidade, — erro, grave erro, cujas consequências está pagando, a peso de ouro, o povo paulistano...

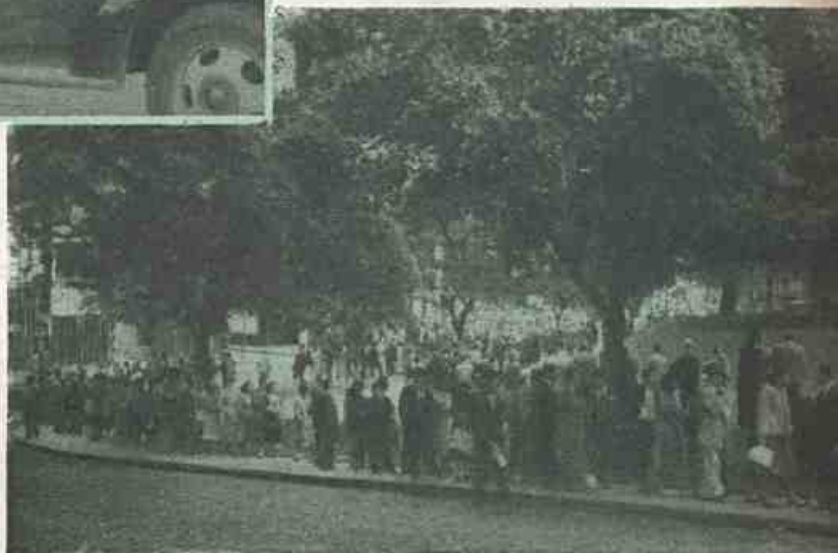
De dia para a noite, aqueles milhares de humildes funcionários — motoristas, trocadores, motoneiros, condutores chaveiros, fiscais, manobreiros, mecânicos e demais operários das gigantescas oficinas da empresa, ou melhor, da série de empresas que, antes trabalhavam independentemente, inclusive a Light, mas que depois, atraídas pelo ouro fácil de ofertas tentadoras, correram para os cofres fartos da Municipalidade — de um momento para outro assumiram ares de funcionários públicos. Sabem lá, vocês, o que é isso?... Por isso ou por aquilo, o certo é que os horários sofreram modificações, o ponto passou a ser mais elástico, as faltas foram aumentando, as férias (não as de dinheiro, evidentemente) esticando, no vórtice do alfabeto burocrático, que passou a ser a preocupação principal daqueles funcionários, antes tão ordeiros e disciplinados. Paralelamente, os diretores deixaram de ser homens de trabalho, conhecedores da função. Já não se tratava de procurar elementos à altura dos postos porque a politicagem, na ansia de criar sinecuras e vantagens para os seus afillhados, logo invertiu o princípio conhecido; e então, em vez de homens para os cargos, passou-se a procurar cargos para os homens.

Estabelecido, assim, o reinado da anarquia, não seria de estranhar que as coisas tivessem chegado ao ponto a que realmente chegaram. Hoje o povo paulistano sofre nas filas, durante horas a fio, as consequências de erros tão funestos. Suas energias, seu bom humor, se exaurem diariamente na luta pelo transporte. Com

Os lotações, nas horas cruciais, têm grande procura, embora, sendo um meio de transporte caro. Muitas vezes é superior às posses dos que deles lançam mão. Num momento de desespero, porém, não há tempo para reflexões. Só no fim do mês, é que o trabalhador vê como estão desfalçadas as suas finanças.



isto, não é apenas o indivíduo que se prejudica, mas uma coletividade inteira, com reflexos profundos na economia nacional. Porque aquelas horas que o elemento-homem perde à espera do ônibus ou do bonde, cansado, angustiado, revoltado mesmo, vão-lhe comprometer irremediavelmente a produção. Si ele ganha por tarefa, é o primeiro prejudicado porque o seu trabalho deixa de proporcionar-lhe o rendimento máximo. Si é mensalista, sua economia pessoal não



...As filas do ônibus começam a formar-se às cinco da tarde. Dão voltas inteiras pela praça e, muitas vezes, às oito da noite, ainda há gente à espera de condução.

se sente afetada, mas em última análise, os aborrecimentos que sofrem, uns e outros, vão refletir-se na produção da comunidade, trazendo com isso, prejuízos vultosos à economia de todo um povo. Sendo São Paulo, como realmente, é principal forja de trabalho do país, ali se pôde avaliar melhor os resultados desses malefícios, que crescem, infelizmente, à proporção que correm os dias, porque não há o mais leve indicio de que estejam os responsáveis tomando providências para que eles desapareçam.

A companhia concessionária dos transportes (existem algumas outras empresas de ônibus, bem menores, que, por serem justamente pequenas, não foram convidadas a entrar no bolo) tem um nome pomposo — Companhia Municipal de Transportes Coletivos — mas é conhecida apenas pelas iniciais C. M. T. C., são essas iniciais e não há quem as deixe de identificar em qualquer parte da cidade paulista. Triste popularidade essa, que se criou e cresceu à custa dos máis serviços proporcionados pela companhia ao povo.

Sem o menor exagero, em São Paulo se vive perigosamente. A certas horas do dia, quando é mais intenso o movimento de passageiros, que se dirigem aos lares, para ou almoço, ou deles retornam ao trabalho, viajar num bonde, por exemplo, constitui uma façanha digna dos máis autênticos heróis. Arrisquem a vida, assim, diariamente, pingentes que se comprimem agarrados, aos balaustres das entrelinhas.

Nas principais ruas da capital, é comum verem-se dezenas de pessoas à espera de um espaço vazio nos estribos, onde possam colocar ao menos um pé, porque o outro vem ao léu, na iminência de ser colhido por um veículo qualquer, cujo condutor não se arme da necessária cautela.

Quanto aos bondes chamados "camarões", nem é bom falar... Nesses, o povo viaja como sardinha em lata. Descer de um de tais veículos superlotados é sempre um espetáculo misto de grotesco e de trágico. Para que descrevê-lo, si todos nós já estamos acostumados aos empurrões cotoveladas, às pisadelas, entre as reclamações de uns e os sorrisos maliciosos de outros?

(Continua no fim da revista)



O DRAMA DA SELVA

UMA das coisas que mais impressionam o observador da selva é a luta pela sobrevivência. Todos os seres que povoam esse mundo hermético, misterioso, insondável, que é a vasta planície amazônica, vivem cercados dos mais temíveis perigos. A morte os espreita em toda parte — por trás dos troncos, sob moitas quietas, na profundidade dos igarapés... — para qualquer lugar que se vire, homem ou bicho,

A preguiça é animal curiosíssimo, anda sempre nos galhos das árvores e é personagem "importantíssima" do fabulário...

tem a vida por um fio... O combate que os povoadores humanos dão aos animais daninhos é impressionante, atingindo às vezes as raias de verdadeiros hecatombes. Eles, por sua vez, vivem espietados e ameaçados pelas mais temíveis espécies que habitam aquele espantoso inferno verde, desde as grandes feras aos mais insignificantes insetos... A regra é matar para sobreviver. Não pode haver compaixão nem condescendência, especialmente quando se encontram animais como o que aparece em uma das fotografias — monstruosa aranha caranguejeira, medindo quase cinquenta centímetros — que atacam aves, as devoram e empeçonham as criaturas. Foi tirada também a fotografia de uma centopeia gigantesca com mais de quarenta centímetros de comprimento, sobre um rato enorme agonizante... infelizmente perdeu-se. O drama da sobrevivência no vale põe calefrios na espinha de quem se arrisca a penetrar no céu da floresta compacta. Desenrolam-se a seus olhos estupefactos cenas dantescas: onças enormes devorando veados ou outros pequenos quadrúpedes, araneídeos como nem as mais férteis imaginações ousam conceber; animais exqu岸itos, de aspecto apavorante, sempre em atitude de defesa ou de ataque, porque, nos bosques desconhecidos, não há quem possa contar com o dia seguinte... A par disso, também há bichos interessantes, de hábitos pitorescos, que são numerosos e contribuem admiravelmente para maior encanto daquelas paragens...



Tamanduá bandeira levando seu "baby" a passear...



Mostruosa aranha caranguejeira atacando uma ave, para devorá-la.

O tamanduá por exemplo, que mais parece animal antidiluviano pelo aspecto curioso e muita gente considera amigo do homem pelo combate às formigas pois as devora gulosamente até o extermínio. Existem diversas espécies, destacando-se o tamanduá bandeira, o de colete e o tamanduaí. Enfia a língua fina como agulha, móvel e adaptável aos buracos e meandros das covas, nos panelões dos formigueiros à guisa de isca. A ela aderem as formigas para gozardio do tamanduá, que a recolhe grossa de insetos. Há quem aprecie o tamanduá de colete como ótima iguaria... A preguiça é outro animal curiosíssimo. Raras pessoas a comem. Entretanto, alguns caçadores gostam de sua carne, achando-a semelhante à do carneiro. É "personagem" importantíssima no maravilhoso fabulário da planície. Esse representante da família dos desdentados anda sempre no galho das árvores. É muito cauteloso e a fêmea está sempre com o filho às costas. Alimentam-se de folhas e frutos, gostando muito das embaúteiras. A defesa da preguiça, trate-se da real ou da comum, é o mimetismo. Logo que ela vislumbra no ar alguma asa de gavião ou, em baixo, movimentos humanos, metamorfoseia-se em galho, em forquilha, em nóculo e fica impassível até que passe o perigo. A lenda exagera-lhe a lentidão, de modo que todo o trabalho demorado, vagaroso é simbolizado pela preguiça.

As capivaras são pegadas a laço. Organizam-se, em certos pontos da região — especialmente em Marajó — grandes caçadas, que dão excelentes resultados. Pegam-nas vivas como aparecem nas fotografias. Os nativos apreciam-lhe sobretudo a carne, considerando-a manjar de primeira ordem, por isso não lhe dão tréguas...

É assim a vida no anfiteatro amazônico. Animais e plantas criam garras, venenos, bicos, caudas, espinhos, acúleos, ventosas para se lançarem na luta tremenda pela vida. Vencem os mais fortes e mais inteligentes. Mas a luta pela sobrevivência constitui o mais espantoso drama que se possa imaginar!...

Capivara pegada a laço e conformada com a sorte "posa" para o fotografo...

O resultado parcial de uma caçada a laço em Marajó. Capivara lá é mato...





Nossos companheiros José Galhanone e Leonor Posada no aprazível Parque das Águas de S. Lourenço.

SÃO LOURENÇO:

PEDACINHO DO CEU NA TERRA...

FOI esta a exclamação partida de um turista ao penetrar no parque das águas da linda cidade de S. Lourenço.

De fato. Situada a 870 metros acima do nível do mar, estende-se a cidade de leste para oeste, num soberbo vale da Mantiqueira, cujas faldas, de vegetação opulenta, olham as ruas que descem de casas novas e vilas pitorescas.

A cidade velha, com suas casas rústicas, está cedendo rapidamente, o passo à nova que exsurge, dia a dia, maravilhosa, oferecendo aos visitantes todo o conforto e a alegria que possuem.

Dona de esplêndido clima, S. Lourenço é já centro comercial futuroso, e conta com estabelecimentos bancários, como as grandes cidades: hajam vista os bancos: Itajubá, Ribeiro Junqueira, Nacional de Minas Gerais e a Casa Dutra, que encerra em si representações de grandes bancos nacionais, como o Banco do Brasil.

Vilas e bairros distintos são a vida encantadora de S. Lourenço, como a Carmelitana, Carioca, S. Lourenço velho, Vila Esperança, etc.

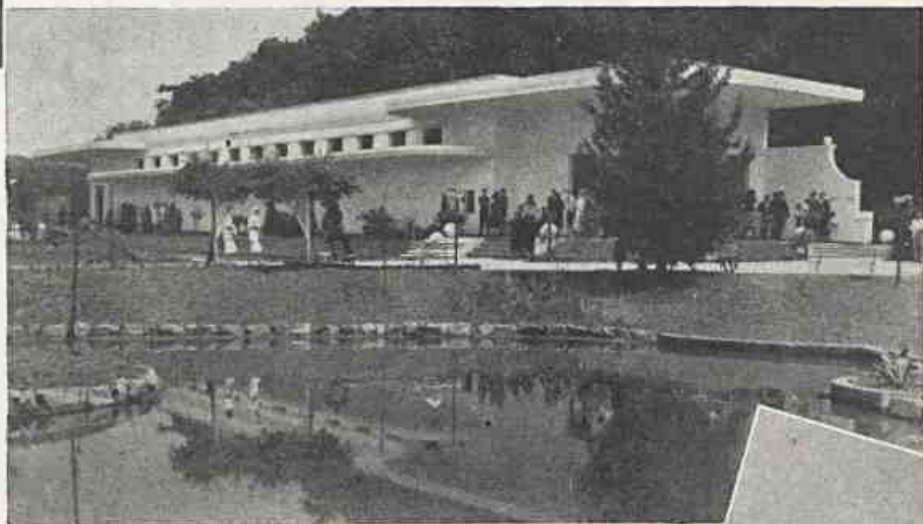
O ensino, primário e secundário, bem como o Normal, é feito na Escola Normal de Santa Úrsula, no Colégio do mesmo nome, dirigidos por religiosas; no Ginásio S. Lourenço, Grupo Escolar e em escolas isoladas, supervisionadas pela municipalidade.

Para diversões, além dos jardins públicos, bem cuidados e atraentes, floridos sempre, conta ainda S. Lourenço com dois bons cinemas: o Cine S. Lourenço e o Odeon, para os quais acorrem veranistas e aquáticos, ansiosos em passar divertidas essas horas calmas que medeiam entre o jantar e o sono.

Mas, não é somente a cidade bela, que exsurge, modernizada e florida, a atração de turistas e aquáticos; tampouco o rio Verde que lhe dá maior beleza à paisagem, arrastando-se preguiçoso, seguido pelo S. Lourenço, o pequeno rio que zigzagueia pela cidade; não somente também o comércio que se solidifica, e sim, e quase que exclusivamente, o parque das águas, esse maravilhoso parque, de cerca de duzentos e cinquenta mil metros quadrados, onde cinco fontes de águas minerais jorram saúde para os seus visitantes.

E, para maior encantamento de todos os que pisam S. Lourenço, a Empresa de Águas de S. Lourenço transformou o parque em verdadeiro pedacinho do céu na terra, tornando-o o mais belo de todas as cidades balneárias do Brasil.

São recantos maravilhosos, acordando as florestas longuinhas; é



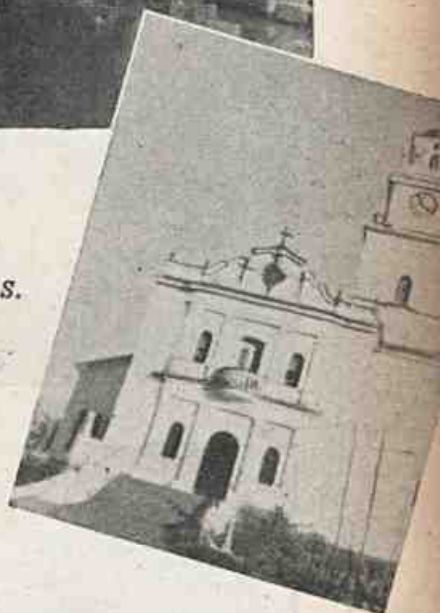
Ainda o magestoso Parque das Águas, fixando a fonte magnésiana.

o lago manso, cheio de peixinhos, e sulcado o dia todo por pequenos barcos e pitorescas gaivotas; é o zoo, rico em espécimens graciosos e raros; as alamedas elegantes, os canteiros abertos em rosas esplêndidas; o play-ground, para a alegria da petizada; enfim, o gosto e a arte reunidos para o bem estar e o encantamento dos visitantes.

E, além disso, o balneário, onde todo o tratamento hidroterápico é feito em duchas e banhos, tanto sulfurosos, como carbo gasosos, a conselho de um bom corpo clínico, é auxiliares, ativos e zelosos, nas pessoas dos guardas dos jardins e nas das gentis jovens que atendem, nas fontes, os aquáticos, enchendo-lhes os copos com as admiráveis águas.

O frio, o proclamado frio, o temido frio de S. Lourenço é antes uma delícia para quem vai esfalfado e exausto do calor do Rio, ou de sua friagem úmida e enervante: é seco, acentuando-se pela manhã, e à noite, mas a que bons agasalhos temperam, tornando-o desejado e propício. Durante o dia a temperatura é amena; somente quando chove é que a temperatura desce, mas as chuvas são comuns nos meses de verão, de sorte que, de maio a novembro, pode-se dizer, é S. Lourenço dona de uma temperatura que não enerva, sem chuvas, agradabilíssimas.

Matriz de S. Lourenço.

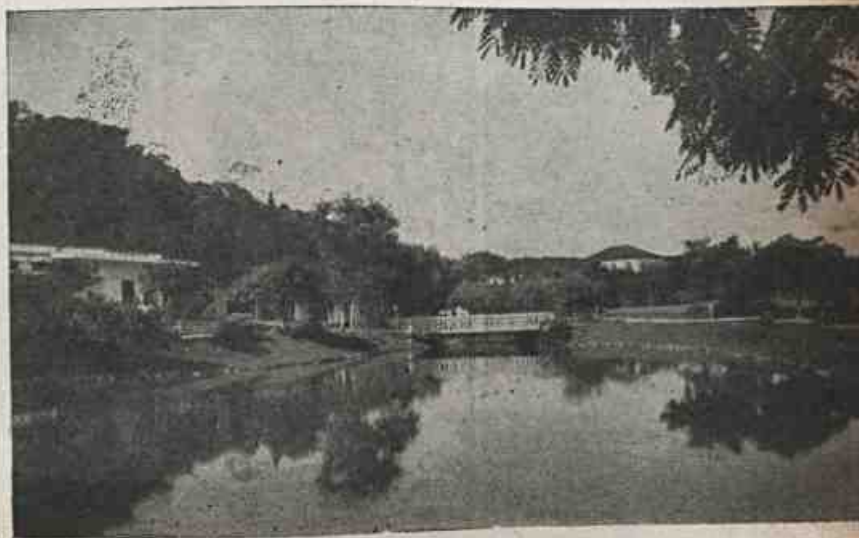


É interessante observar-se o lado psicológico da formosa cidade, quanto ao seu movimento. Em dezembro, janeiro, fevereiro e março, o escol, com seus estadistas, capitalistas, sua mocidade estufante... E S. Lourenço vive meses de uma alegria comunicativa, barulhenta, moça...

Em abril, os aposentados, os que vivem de modestas rendas, os mais idosos, os enfermos, enfim, S. Lourenço é nessa época, mais sossegada, menos barulhenta, mais comedida. Em maio, a maior parte dos aquáticos é de estrangeiros, salientando-se a colônia portuguesa. Numa ligeira estatística levantada, cerca de 80 % são portugueses, do comércio varejista,

(Continúa no fim do número)

Uma das vistas do admirável Parque.





HOMENAGEM DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL AO MINISTRO LAUDO DE CAMARGO

Foi verdadeiramente expressiva a homenagem que a Ordem dos Advogados do Brasil prestou ao Ministro Laudo de Camargo. Diante da mais seleta assistência, inaugurou-se o retrato do homenageado. Na fotografia vê-se o Ministro Laudo de Camargo no meio daqueles que lhes prestaram a referida homenagem. No medalhão, ao lado, o orador, Conselheiro Oswaldo de Souza Valle, quando proferia o seu brilhante discurso.



O ESFORÇO PORTUGUÊS NA AMAZONIA

Flagrante do deputado federal pelo Pará Sr. Deodoro de Mendonça com o Sr. Antonio de Faria, Embaixador de Portugal, quando o parlamentar patricio se despedia do ilustre diplomata luso, antes de seu embarque para Portugal, onde, a convite do Professor Caieiro da Mata, fará uma conferência subordinada ao tema: "O esforço Português na Amazonia", conferência que será repetida no Rio no Centro de Estudos Luso-Brasileiros "Afrânio Peixoto", no Liceu Literário Português.

ESPORTE E ELEGANCIA

Acompanhando a fria estação, elegantes figurinhas da sociedade esperam, oroladas, o resultado do último páreo.





O Dr. Paulo Filho, Diretor do Correio da Manhã fazendo a saudação, no almoço oferecido ao presidente Herbert Moses no restaurante da A. B. I.

20 ANOS NA PRESIDÊNCIA DA A. B. I.

A unanimidade com que a imprensa e a sociedade brasileira em geral comemoraram a passagem do 20.^o aniversário da presidência Herbert Moses na A. B. I. é confortadora não só para o presidente quase-perpetuo da Casa do Jornalista, mas também para quantos se comprazem na admiração dos movimentos coletivos de generosidade e justiça. As manifestações de júbilo e solidariedade que cercaram aquele nosso confrade nessa ocasião significam o reconhecimento de uma profunda e sincera dedicação que se corou de eficiência e de êxito. Tais demonstrações costumam cercar os poderosos do dia, mas raramente se dirigem a um simples jornalista que se deu, de corpo e alma, a uma grande e generosa tarefa. E aí está a singularidade das homenagens prestadas a Herbert Moses no vigésimo aniversário de sua amável e fecunda "ditadura" à frente da A. B. I. Na reportagem fotográfica que publicamos aparecem, além de Herbert Moses, numa atitude característica, e da fachada da A. B. I., cujo edifício é hoje universalmente



Dr. Herbert Moses, Presidente da A. B. I.

Sede da A. B. I., hoje, universalmente considerada padrão de Arquitetura moderna

considerado um padrão de moderna arquitetura — um flagrante da inauguração da efígie de Moses e da legenda em bronze, no saguão da Casa do Jornalista, outro da missa na Igreja de N. S. do Carmo e outro do almoço com que foi homenageado no restaurante da A. B. I.

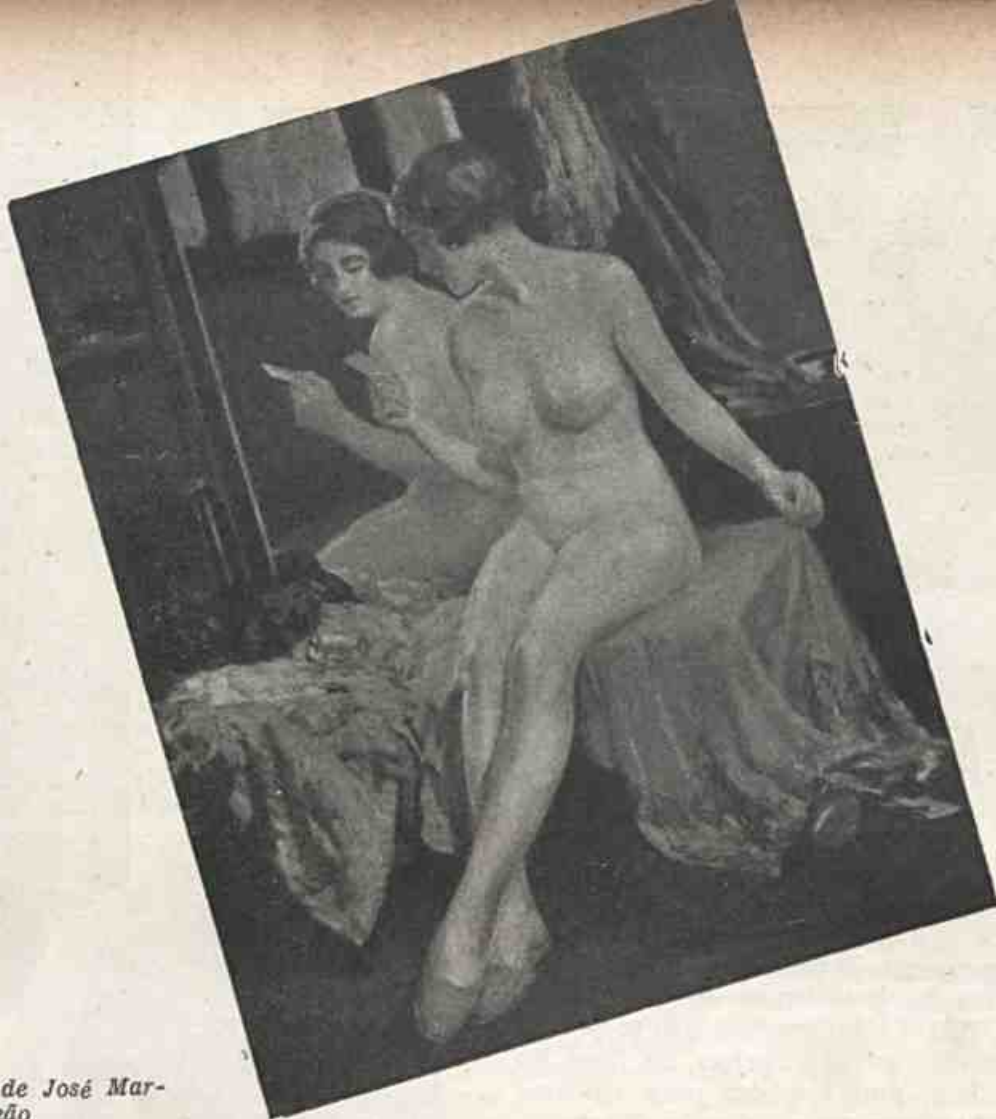
Aspecto da Missa solene, celebrada na Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Fotografia da solenidade de inauguração da efígie de Herbert Moses e da legenda, em bronze, no saguão de entrada da A. B. I.





"A caminho da feira", de Laurindo Galante.



"Rupture", de José Marques Campeão.



"O Vento", de Laselio Zinner



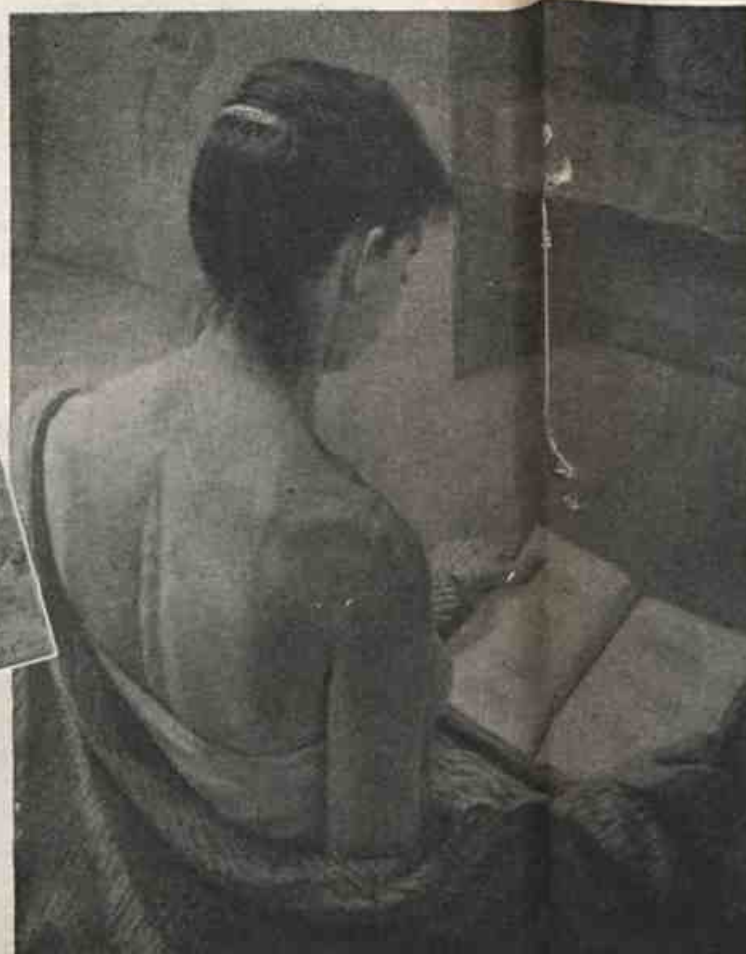
"Vivenda — Campos de Jordão", de Cymbelino de Freitas

XVI SALÃO PAULISTA DE BELAS ARTES



"Comício", de Benedito José de Andrade.

"Poesias", de Henrique Mariz



COM a presença do Governador do Estado, Sr. Lucas Nogueira Garcez, altas autoridades civis e militares, figuras de relevo nos meios sociais e artísticos teve lugar, no dia 10 de abril, na "Galeria Prestes Maia", o ato inaugural do XVI Salão Paulista de Belas Artes, que foi, indubitavelmente, a prova máxima do espírito e da cultura do povo bandeirante. Tendo afluído ao referido salão artistas de todo o país ali se juntaram glórias e nomes que engrandecem as artes nacionais.

Com o espírito voltado às artes plásticas, o Sr. Cymbelino de Freitas, da "Associação Paulista de Belas Artes" e o Sr. Oswaldo Lacerda Gomes Cardim, encarregado do "Serviço de Fiscalização Artística da Escola Paulista de Belas Artes", muito contribuíram para o êxito do "XVI Salão".

No salão Almeida Junior, Galeria Prestes Maia, foi mostrado ao público o que de melhor fizeram os artistas para o grande certame. Os pintores fizeram lembrar as figuras de José Marques Campeão e Bepi Spolaor, prestando-lhes justa homenagem postuma. Entre os trabalhos expostos destacaram-se as aquarelas de Cymbelino de Freitas; a marinha ("Ponta da Areia"), de Silvio Pinto da Silva; "Hora tranqüila", de Walter Feder, que merecidamente obteve a pequena medalha de prata; "Noturno", de Henrique Bicalho Carlos Oswald, conquistando igualmente a pequena medalha de prata. "Tiradentes ante o Carrasco", de Rafael Talco, que conquistou o Prêmio Prefeitura de São Paulo; "Sanfoneiro", de Salvador Caruso, agraciado com o Prêmio Governador do Esta-

do; Benedito José de Andrade que com seu quadro "Comício", conquistou o "Prêmio Prefeitura do Estado de São Paulo"; Ricardo Cipicchia mereceu, também, como escultor, o "Prêmio Prefeitura de São Paulo", categoria "A". "O prêmio de viagem ao Pa's", foi concedido ao pintor Silvio Alves pelo seu maravilhoso trabalho interior de Atelier". Na "Seção de Arte Decorativa" obteve "Grande Medalha de Prata" o artista Antonio Luiz Gagni com "A Partida de Fernão Dias Paes Leme".

"Tiradentes ante o carrasco" de Rafael Talco





Leonídio Ribeiro



Austregésilo de Atrayde



Paulo Bittencourt



Jacyntho Toller

Alceu Barbedo



De mês a mês



N O Centro de Letras do Paraná realizou aplaudida conferência o dr. Leonídio Ribeiro. O distinto professor, com aquela cintilação intelectual a que já nos habituou, discorreu sobre "A vida e a obra de Afrânio Peixoto".

*

Afervorando o culto ao folclore nacional, o ativo Prefeito do Distrito Federal, João Carlos Vital, organizou, para os festejos juninos, várias celebrações a caráter, que alcançaram um brilho fora do comum.

*

Ligando o Rio de Janeiro, telefonicamente, ao território do Amapá, a Cia. Rádio Internacional do Brasil inaugurou sua filial de Macapá.

*

Em meio da solidariedade e dos aplausos, tanto do público em geral, quanto dos técnicos, temou posse do cargo de diretor do Departamento de História e Documentação da Prefeitura o professor e jornalista Roberto Macedo.

*

Em sua filial do Méier, a Casa José Silva abriu, festivamente, o seu Salão de Modas.

*

Associando-se às comemorações do cinquentenário do "Correio da Manhã", o dr. Campos Pôrto, culto diretor do Jardim Botânico, plantou um ipê, árvore brasileríssima, em homenagem à imprensa brasileira.

*

Felo seu brilhante dinamismo na Convenção da União Pan-Americana, da Associação dos Engenheiros, há pouco reunida em Havana, recebeu várias homenagens o engenheiro Saturnino de Brito.

*

Empossou-se na direção da Carteira Hipotecária do Banco da Prefeitura o sr. Antônio Bittencourt Azambuja, digno de tão importante cargo.

*

Ainda repercute em todas as camadas sociais a comoção que acompanhou o país, quando da morte do dr. Napoleão Laureano.

"Educação e Democracia" foi o tema, admiravelmente desenvolvido pelo jornalista Austregésilo de Atrayde em conferência no auditório do Ministério da Educação, na série promovida pelo governo.

*

Festivamente recebida, em Nova Friburgo, a notícia de que o governador Amaral Peixoto pretende transferir, para aquela cidade fluminense, a capital do Estado do Rio, que S. Excia. vem administrando com elevado patriotismo.

*

Novo Ministro do Supremo Tribunal Federal: o culto dr. Nelson Hungria.

*

Pela sua investidura na presidência do Conselho Nacional de Desportos, foi homenageado o sr. Vargas Neto.

*

Organização única no gênero, no Rio, inaugurou-se a Casa Marlin, de artigos de caça e pesca.

*

Depois de prolongada permanência em Nova York viajou para a Europa nosso companheiro de trabalho Jacintho Toller, com o propósito de mais uma vez percorrer os grandes centros do velho continente.

O dinâmico industrial brasileiro tem acompanhado por conta própria a evolução das artes gráficas no mundo, prestando ao país serviços de real valor ao introduzir nessa indústria especializada melhorias e novos conhecimentos sempre que retorna ao nosso convívio.

*

Assumiu a direção do Instituto do Mate uma autoridade na matéria: o sr. Gil Soares de Araujo.

*

Tomou posse, na Academia Carioca de Letras, o festejado intelectual Francisco Leite.

*

Profundo conhecedor de assuntos bancários é o novo diretor da Carteira de Crédito Geral do Banco da Prefeitura, sr. Gabriel Côrtes Real.

A Companhia Nacional da Criança para o biênio 1951-1953 apresenta, em sua presidência, a Sra. D. Cordélia Morais Vital, esposa do ilustre Prefeito do Distrito Federal.

*

Para melhor servir às populações do Rio e de Niterói, a Frota Carloca aumentou suas unidades de transporte de cargas.

*

Prestigiado por todas as camadas sociais, mercê de seu espírito cívico sempre à escuta dos anseios nacionais, o "Correio da Manhã" completou 50 anos de corajosas campanhas em prol da coletividade. A tradição de Edmundo Bittencourt mantém-se altaneira na continuação das diretrizes do grande matutino, através Paulo Bittencourt, M. Paulo Filho, Costa Rego e outros expoentes de nosso jornalismo.

*

Perante as comissões de Diplomacia da Câmara dos Deputados e de Relações Exteriores do Senado, o ministro João Neves da Fontoura expôs a magnífica atuação do Brasil na Conferência de Washington, sendo suas palavras calorosamente apoiadas. O mesmo sucedeu quando o eminente chanceler falou na Universidade Católica e na homenagem que lhe prestou a Academia Brasileira de Letras.

*

*

Expressão de civismo, trabalho e honorabilidade, o dr. Alceu Barbedo, sub-procurador geral da República, tem recebido várias homenagens de todas as classes, pela sua confirmação no alto posto.

*

Na policlínica Geral do Rio de Janeiro prossegue o Curso de Pediatria Social, sob a orientação do eminente pediatra professor José Martinho da Rocha.

*

Movimentadíssimo o pleito da Associação Comercial do Rio de Janeiro, de que saiu vitorioso o sr. Carlos de Oliveira Brandão.

*

Transcorreu o 26.º aniversário de fundação do Banco da Lavoura de Minas Gerais.

*

Aposentado o ministro do Supremo Tribunal Federal, Aníbal Freire, florão de nossa cultura.

Cuida o governador fluminense da exploração da calcita encontrada em zonas do interior do Estado.

*

Amplia sua produção a fábrica dos Móveis Palermo.

*

Efetivado, na cátedra de Medicina Legal, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, o professor Hélio Gomes.

*

Continúa a capital do país a ter uma primazia lamentável: a de ser uma das primeiras cidades do mundo em quantidade de desastres de ônibus, lotações e táxis...

*

O sr. Alberto Sá Sousa de Brito Pereira é o novo e competente diretor do Departamento de Imprensa Nacional.

*

Antigo juiz de direito da 14.ª Vara Cível, o dr. Francisco Pereira de Bulhões Carvalho foi empossado no cargo de Desembargador.

*

Inaugurado, em Juiz de Fora, o monumento ao Almirante Tamandaré, fundido no Arsenal de Marinha do Rio, sendo na ocasião posta em relêvo a obra de Renato Sêneca Fleury, "O Almirante Tamandaré".

*

Indústrias de Móveis e Poltronas Ltda. instalaram a matriz em moderníssimo edifício na estação de Tomás Coelho.

*

Brilhantíssima a fecunda operosidade do prestigioso embaixador de Portugal no Brasil.

*

Encontra-se atualmente em Lisboa, o dr. Oswaldo de Souza e Silva, diretor da "Ilustração Brasileira". Na metropole portuguesa o nosso presado companheiro tem visitado diversas instituições culturais recolhendo impressões que em breve serão transmitidas ao público brasileiro nas páginas desta revista, com as observações merecidas. A presença do dr. Oswaldo de Souza e Silva em Portugal traduz um velho propósito de intensificação de uma obra de intercâmbio que vinha sendo realizada a distância e que terá, daqui por diante, um significado mais amplo, à luz de um documentário colhido na fonte e diretamente pela observação do jornalista. O dr. Oswaldo de Souza e Silva demorará em Portugal, provavelmente um mez, dirigindo-se em seguida a outros pontos da Europa, entre os quais a Espanha, a Itália, a França.



Campos Pôrto



Antonio de Farias embaixador de Portugal.



Francisco Leite



Amaral Peixoto

Oswaldo de Souza e Silva





Nosso companheiro Carlos Gonçalves de Cal Filho, funcionário da administração da S. A. "O Malho", e sua esposa, senhora Diva Ruth Kale da Cal, cujo enlace matrimonial foi realizado o 31 de Março último, em Niterói.



Pery Ribas

Zazá no Cinema

Entre as peças teatrais que vem passando periodicamente para a tela desde os tempos em que o cinema começou a filmar sucessos do palco, está a comédia de Pierre Barton e Charles Simon, "Zazá". Sua primeira filmagem data dos tempos em que o famoso galo da Pathé-Frères era a marca cinematográfica mais conhecida em todo mundo. Dessa versão falta-me dados além da data de sua produção e tamanho. Era em duas partes e foi estreitada no velho Odeon, em 1913. Dois anos de-

pois foi feita a primeira versão americana, produzida pela Paramount, interpretada por uma linda Zazá — a grande Pauline Frederick. No papel de Dufresne estava Julien D'Estrange, também, já falecido. Em 1923 a mesma empresa refilmou "Zazá", desta feita com a sua mais querida "estrêla" da época, a veterana Gloria Swanson, que tanto sucesso conseguiu no film de seu reaparecimento recente, "Crepúsculo dos Deuses". No Dufresne, em magnífica interpretação, vimos outros veteranos ainda em atividade — ator moço naquele tempo — Henry B. Warner. Foi ainda a Paramount quem produziu a primeira versão falada de "Zazá", em 1939 — com uma autêntica francesa: Claudette Colbert e o inglês Herbert Marshall. Em 1943 "Zazá" falou italiano, na versão que o cinema do Duce produziu com a bela Isa Miranda. Se não me engano foi a segunda versão peninsular da conhecida peça, filmada no passado pela antiga Aquila-Film, de Torino (?).

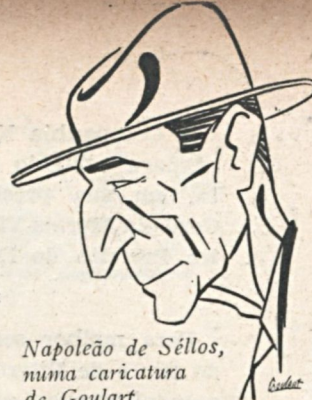
Agora vai ser feita nova versão gauleza de "Zazá", com Sophie Desmarests. E não será a última "Zazá". Com o tempo virão outras, "Zaza" está sempre na moda...

NAPOLEÃO DE SÉLLOS

Morreu Napoleão de Séllos. Foi esta a notícia que retumbou forte, martelando nos ouvidos a tristeza da perda de um companheiro e a saudade de uma alma pura. Napoleão de Séllos nasceu a 7 de Abril de 1892, em Manhuassú, Minas Gerais.

Estreou-se na imprensa, indo trabalhar na Gazeta de Notícias, graças aos bons ofícios do Conde de Afonso Celso. Colaborou anonimamente em revistas desta Capital, principalmente n' "O Malho" e na "Ilustração Brasileira" nesta, inaugurou a seção "Curiosidades do Brasil" e naquela seção "Nem todos sabem que..." criadas pelo dr. Oswaldo de Souza e Silva. Foi também, poeta. Veteu para o francês poesias de vários escritores nossos compatriotas. Escreveu, em francês um drama em um ato que foi considerado por Charles Richet, do Instituto de França, "un si original travail". O título desta peça é "Sur le clavier du sal". Em 1917, publicou uma coleção de versos. "Au son de la Marcellaise" que recebeu elogios de Edmond Rostand. Sua composição "Mes huit ans" versão da célebre poesia de Casimiro de Abreu, grangeou aplausos de publicistas estrangeiros. Deixou em preparo, um livro, ainda na língua francesa, e que será a "Enciclopédia de Curiosidades Universais". Foi diplomado pela antiga Faculdade de Filosofia, onde defendeu nove teses, aprovadas com as melhores notas: Três distinções e seis plenas. Uma dessas teses, relativa a origem dos Etruscos, saiu publicala no "Correio da Manhã", em junho de 1927. Foi redator-tradutor de algumas das principais revistas do Rio de Janeiro, dedicando-se, também à revisão de livros em empresas editoras. Pertenceu ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro e à A. B. I. Parece que ainda estamos vendo, magro, sempre carregando a minúscula pasta pejada de papéis.

Napoleão, pelos altos dotes intelectuais e morais que possuía, ficará nas almas dos que com ele privaram, como símbolo de modestia e gratidão.



Napoleão de Séllos, numa caricatura de Goulart.

AUDIÇÃO DE PIANO



Ruth Cerrone, uma das mais destacadas professoras de piano desta capital, que realizou no salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música, um recital de piano de seus inúmeros alunos, obtendo essa audição êxito invulgar.



Maria de Rezende

MARIA REZENDE

E fidalga com braços de velha nobreza de Portugal, a Senhora D. Maria — Baroneza de Rezende.

É fidalga e é uma das mais brilhantes entre as poetisas lusas da atualidade. Figura de invulgar distinção; ornamento da melhor sociedade de Lisboa; dona de um solar antigo onde guarda as tradições de uma ilustre família e onde se aninham obras d'arte de alto valor a Senhora Baroneza de Rezende divide entre seus deveres sociais e as atividades de seu espírito cultíssimo, todas as horas de sua vida, e nisso reúne em torno de sua personalidade amizades, considerações e entusiasmos pelas suas realizações de intelectual, já como poetisa de exquisita sensibilidade que sabe e pode cultivar todos os generos poéticos, já como conferencista erudita, já como locutora especializada, da Emissora Nacional de Lisboa, onde ao lado da grande Virginia Vitorino, faz parte dos elementos colhidos nos circuitos artísticos culturais que aquela Emissora, sábia e patrioticamente, coloca no seu quadro de grandes artistas.

A Senhora Baroneza de Rezende, é linda, sugestiva e verdadeiro valor cultural, porém, é modesta, usando, apenas para assinar seus belos trabalhos em prosa, suas magníficas composições poéticas e para atuar no Rádio, o nome de — *Maria de Rezende* — nome que a tornou admirada e querida em todo Portugal e nos mais altos círculos culturais de Lisboa.

SONETO

Já não são meus os passos vacilantes,
Os sonhos vagos, simples e dispersos.
São pequenos para mim os universos,
São perto os horisontes mais distantes.

Como o aço das espadas rutilantes,
Eu passei pela chama. E, bem diversos,
Bem mais sentidos hoje são meus versos,
Outrora inda imprecisos, hesitantes.

O éco da inveja e da maldade
Chega até min na sua fealdade
E eu pego nêle e dêle faço um hino!

Sigo de olhar ao alto sem temor,
Ao encontro da Morte ou do Amor,
A passo firme para o meu destino!

NOTURNO

Noite. Folheio um livro muito lido.
— Nem já sei bem o tempo que passou!
E vou sorrindo ao traço que marcou
Certas passagens hoje sem sentido.

Quero evocar o que me foi mais querido,
Tento lembrar o que então palpitou.
Como era aquela flôr que assim murchou
E que eu guardei. Em vão, tudo esquecido!

Espreitando-me, entre as folhas, obsecante
Surge-me a tua imagem triunfante,
Sobrepondo-se a tudo o que eu vivi...

E eu fecho o livro e deixo-me sonhar,
Porque sei quanto é fútil querer lutar
Se nada vejo agora além de ti!

POEMA

Espero.
Em minha volta o vendaval...
Espero.
Dentro de mim o temporal...
Espero.
Embora sacudida pelo pensamento
Como uma folha ao vento,
Espero.
Sou uma árvore que a tormenta destroçou
Mas de que a terra guardou,
E conseguiu esconder,
Uma raiz que ainda pode florescer!

MARIA DE REZENDE



Vicente e Gilda em "Coração Materno".

CINEART em revista

A partir deste número O MALHO vai publicar uma resenha dos filmes estreitados no Rio de Janeiro, em cada mês. Não será uma seção de crítica propriamente dita, mas um apanhado dos principais filmes exibidos nos cinemas cariocas, com seus elencos e diretores, e uma cotação sumária. Assim nossos leitores dos Estados terão uma orientação para a escolha de seus programas. Entregamos esta nova seção de O MALHO a um velho conhecedor do assunto, que se oculta sob o pseudônimo de "Operador".

Apuros de um amigo — For Heaven's Sake — 20th-Fox — 1950 — com Clifton Webb, Joan Bennett, Robert Cummings, Edmund Gwenn, Joan Blondell, Jack LaRue, etc. Dirigido por George Seaton. — Cotação: REGULAR. (Comédia).

Bomba e a Pantera Negra (Bomba On Panther Island) — Monogram — 1949 — com Johnny Sheffield, Allene, Roberts, Lita Baron, Charles Irwin, Harry Lewis etc. Direção de Ford Beebe. — Cotação: SOFRIVEL. (Aventuras).

Sob o manto da intriga — The Underworld Story — Chester — United Artists — 1950 — com Dan Duryea, Gale Storm, Herbert Marshall, Howard da Silva, Michael Marshall, Mary, Anderson, Gar Moore, etc. Dirigido por Cyril Endfield. — Cotação: Regular. (Policial).

A malvada — (All About Eve) — 20th-Fox — 1950 — com Bette Davis, Anne Baxter, George Sanders, Celest Holm, Gary Merrill, etc. Direção de Joseph L. Mankiewicz. — Cotação: MUITO BOM. (Drama).

Fabiola (Fabiola) — Universal — 1948 — com Michèle Morgan, Elisa Cegani, Michel Simon, Gino Cervi, Henri Vidal, Massimo Girotti, Louis Salou, etc. Dirigido por Alessandro Blasetti. — Cotação: BOM (Histórico).

Trapalhadas do Haroldo — (Mad Wednesday) California Pictures — RKO — 1946 — com Harold Lloyd, Frances Ramsden, Jimmy Colin, Raymond Walburn, Franklin Pangborn, Margaret Hamilton, Arline Judge, Edgar Kennedy, etc. Direção de Preston Sturges. — Cotação: BOM. (Comédia).

O homem das calamidades — Watch the Birdie — M. G. M. — 1950 — com Red Skelton, Arlene Dahl, Ann Miller, Leon Ames, etc. Dirigido por Jack Donohue. — Cotação: BOM. (Comédia).

Trágico destino — (When Danger Lives) — RKO — 1950 — com Faith Domergue, Robert Mitchum, Claude Rains, Maureen O Sullivan, Charles Kemper, Billy House, etc. Direção de John Farrow. — Cotação: REGULAR. (Drama).

Radiomania — Jackpot — 20th-Fox — 1950 — com James Stewart, Barbara Hale, James Gleason, Fred Clark, Alan Mowbray, Patricia Medina, etc. Dirigido por Walter Lang. — Cotação: BOM. (Comédia).

Ladrão de corações (Once a Thief) — United Artists — 1950 — com Cesar Romero, June Havoc, Marie McDonald, Lon Chaney, Iris Adrian. Direção de W. Lee Wilder. Cotação: REGULAR. (Policial).

Eterna ilusão — Rendez-vous de Juillet — U. G. C. — Seneg — 1949 — com Nicole Courcel, Daniel Gélin, Brigitte Auber, Bernard Lajarrige, Louis Seigner, etc. Dirigido por Jacques Becker. — Cotação: BOM. (Drama realista).

Coração materno — Filmoteca Cultural — Pró-Arte — com Gilda Abreu, Vicente Celestino, Edmund Maia, Colé, Francisco Moreno, Fregolente, Amadeu Celestino, etc. Direção de Gilda Abreu. — Cotação: SOFRIVEL. (Dramalhão).

A dama de espadas — The Queen of Spades — Associated British-Pathe — 1949 — com Anton Walbrook, Edith Evans, Ronald Howard, Pauline Tennant, Yvonne Mitchell, Mary Jerrold, etc. Dirigido por Thorold Dickinson. — Cotação: BOM (Literatura).

Meu coração tem dono (The Duchess of Idaho) — M. G. M. Em Tec-

nicolor — 1950 — com Esther Williams, Van Johnson, John Lund, Paula Raymond, Lena Horne, Eleanor Powell, Red Skelton, etc. Direção de Robert Z. Leonard. — Cotação: SOFRIVEL. (Musical).

A águia e o gavião — The Eagle and the Hawk — Paramount — Em Technicolor — 1950 — com John



Simone Simon em "Mulheres sem nome".

Payne, Rhonda Fleming, Dennis O'Keefe, Thomas Gomez, Fred Clark, Frank Faylen. Dirigido por Lewis R. Foster. — Cotação: SOFRIVEL. (Western).

Serras sangrentas (Sierra) — Universal-Intern. — 1950 — Em Technicolor — com Wanda Hendrix, Audie Murphy, Burl Ives, Dean Jagger, Richard Rober, Antony Curtis, Huseley Stevenson, etc. Direção de Alfred E. Green. — Cotação: SOFRIVEL. (Western).

Piratas das Árabias — Double Crossbones — Universal-Intern. — em Technicolor — 1950 — com Donald O'Connor, Helena Carter, Will Geer, John Emery, Robert Barrat, etc. Dirigido por Charles T. Barton. — Cotação: SOFRIVEL. (Comédia).

Os noitos de mamãe (Louisa) — Universal Intern. — 1950 — com Ronald Reagan, Charles Coburn, Ruth Hussey, Edmund Gwenn, Spring Byington, etc. Direção de Alexander Hall. Cotação: BOM. (Comédia).

Curvas perigosas — Curvas peli-
rosas — Prod. Sol — 1950 — com
Leonora Amar, Carlos Cores, Fan-
ny Schiller, Arturo Soto Rangel, etc.
Dirigido por Tito Davison. — Cota-
ção: SOFRIVEL. (Musical).

Extorsão (Shakedown) — Univer-
sal-Intern. — 1950 — com Howard
Duff, Brian Donlevy, Peggy Dow,
Lawrence Tierney, Bruce Bennett,
Anne Vernon, etc. Direção de Joe
Fevney. Cotação: BOM. (Policial).

Vida de minha vida — Our Very
Own — Goldwin-RKO — 1950 —
com Ann Blyth, Farley Granger,
Joan Evans, Jane Wyatt, Ann Dvo-
rak, Donald Cook, etc. Dirigido por
David Miller. — Cotação: BOM.
(Drama).

O casamento de Chiffon (Le ma-
riage de Chiffon) — Industrie
Cinématographique — 1941 — com
Odette Joyeux, André Luguet, Jac-
ques Dumesnil, Suzanne Dantès,
Louis Seigner, Larquey, etc. Direção
de Claude Autant-Lara. — Cotação:
MUITO BOM. (Literatura).

Carmela — U'a mulher desprezada
— Carmela — Manenti — 1942 —
com Doris Duranti, Pal Javor, Aldo
Silvani, Egisto Olivieri, Bella Starace
Sainati, etc. Dirigido por Flavio Cal-



Orlando Villar e Antonietta Mori-
neau em "Presença de Anita".

zavara. — Cotação: REGULAR. Li-
teratura).

O corcunda (Le Bossu) Régina-
Jason — 1944 — com Pierre Blan-
char, Yvonne Gaudeau, Paul Ber-
nard, Jean Marchat, Lucien Nat,
Georges Lannes, Gaston Modot, etc.
Direção de Jean Delannoy. — Cota-
ção: SOFRIVEL. (Folhetim).

Se isto é pecado — If This Be sin
— 20th-Fox — 1950 — com Myrna
Loy, Roger Livesey, Peggy Cummins,
Richard Greene, Elizabeth Allen,
etc. Dirigido por Gregory Ratoff. —
Cotação: SOFRIVEL. (Drama).

Guerrilheiros das Filipinas. (Ame-
rican Guerrilla in the Philippines)
— 20th-Fox — Em Technicolor —
1950 — com Tyrone Power, Miche-
line Presle, Tom Ewell, Robert Bar-
rat, Juan Torena, etc. Direção de
Fritz Lang. — Cotação: SOFRIVEL.
(Filme de guerra).

A rua Gatan — Mundial-Kun-
[film — 1949 — com [mar] [mar]
Nilsson, Peter Lindgren, Keve Hjelm,
Naemi Briesse, Stig Jarrel, Marian-
ne Lofgren, Ake Fridell, Peter Os-
carsson, Dirigido por Gosta Werner.
— Cotação: BOM. (Drama realista).

A Cumparsita (La Cumparsita) —
San Miguel — 1947 — com Hugo del
Carril, Aida Alberti, Ernesto Vilchès,
José Olarra, Nelly Daren, etc. Dire-
ção de Antonio Momplet. Cotação:
REGULAR. (Musical).

Os viciados — La Fumeria d'oppio
— Labor Metropa — 1947 — com
Emilio Ghione Jr, Mariella Lotti,
Paolo Stoppa, etc. Dirigido por Raf-
fael Matarazzo. — Cotação: REGU-
LAR. (Policial).

Ousadia (Vengeance Valley) —
M.G. M. — Em Technicolor — 1950
— com Burt Lancaster, Joanne Dru,
Robert Walker, Sally Forrest, John
Ireland, Ray Collins, etc. Direção de
Richard Thorpe. — Cotação: RE-
GULAR. (Western).

Golpe do destino — Cry Danger
— RKO 1951 — com Dick Powell,
Rhonda Fleming, Richard Erdman,
William Conrad, Regis Toomey, Jean
Porter, etc. Dirigido por Robert Par-
rish. — Cotação: BOM. (Policial).

A salamandra de ouro (Golden Sa-
lamander) — Alexander Galperon
Rank — 1950 — com Trevor Howard,
Anouk, Herbert Lom, Jacques Sernas,
Wilfred Hyde-White, Miles Maleson,
etc. Direção de Ronald Neame. — Co-
tação: BOM. (Policial).

Passado tenebroso — The Dark
Past — Columbia — 1949 — com Wil-
liam Holden, Nina Foch, Lee J. Cobb,

Henri Vidal em "Fabiola"



André Luguet e Odette Joyeux em
"Casamento de Chiffon"

Adele Jergens, Stephen Runne, Lois
Maxwell, etc. Dirigido por Rudolph
Maté. — Cotação: BOM. (Drama).

História de amor (Uma storia d'a-
more) — Lux — 1942 — com Assia
Noris, Piero Lulli, Carlo Campanini,
Guido Notari, Celeste Almeri, Emma
Baron, Enrico Battistella, etc. Dire-
ção de Mario Camerini. — Cotação:
BOM. (Drama).

Mulheres sem nome — Donne senza
nome — Navona-Film — 1949 — com
Simone Simon, Valentina Cortese,
Vivi Giori, Françoise Rosay, Irasema
Dillan, Gino Cervi, Gina del Torre
Falkenberg, etc. Dirigido por Geza
Radvanyi. — Cotação: MUITO BOM.
(Drama do após-guerra).

Presença de Anita — Maristela —
1951 — com Vera Nunes, Orlando
Villar, Antonietta Morineau, Henri-
ette Morineau, Armando Couto, Ana
Luz, Diana Lisboa, etc. Direção de
Ruggero Jacobbi. — Cotação: BOM.
(Literatura).

Fado — História de uma canta-
deira — Lisboa-Filme — 1947 — com
Amalia Rodrigues, Virgílio Teixeira,
Vasco Santana, Antonio Silva, Tony
d'Algy, etc. Dirigido por Perdigão
Queiroga. — Cotação: BOM. (Mu-
sical).

Agonia Da Civilização

● BELARMINO VIANA

A O leitor desta crônica que desconhece o que vai pelo mundo nesta hora humana, pode parecer veleidade ou mesmo estupidez minha, se lhe digo não encontrar motivo de satisfação para viver na ordem mental desta civilização.

Não pode haver motivo de contentamento para ninguém, onde tudo o que devia constituir segurança, liberdade e felicidade para o homem, nas organizações sociais, se desajusta vertiginosamente por falta de entendimento da realidade, da verdade, da vida.

A humanidade é governada por instituições autônomas, organizadas para defender o direito e fazer justiça aos homens na sociedade. Na realidade defendem a si próprias. Porque a massa humana, continuamente vê desfalcado por misterioso destino o produto do seu labor. Cada instituição controla o espírito da verdade. Mas verdade controlada é verdade negada. Por isso não existe paz, ordem e harmonia entre os homens, existe incoerência, violência e compulsão que dão lugar a guerra.

O mal estar e o desajuste é uma evidência em todo o mundo, em todas as nações, apesar da existência das instituições.

A inteligência é considerada privilégio dos organizadores de instituições.



Como poderia haver ajustamento, se os grupos humanos são prisioneiros de fronteiras geométricas, culturais e econômicas? Nesse estado de coisas jamais haverá paz, ordem e harmonia, nem mesmo para as pequenas frações da humanidade que se ocupam de manter as instituições ignorando o movimento do espírito do homem na atual situação universal.

Não é possível considerar a Vida, o espírito da humanidade, somente através a expressão das instituições que arbitram sempre.

Cada instituição cultiva uma consciência própria dimanada de códigos do passado, para ser automaticamente obedecida pelos que a ela estão subordinados; essa é a ordem dos fatores conservadores no presente.

Cada instituição, é assim, um núcleo de controle da vida humana, onde nunca chega o eco da dor, das misérias e crueldades com que, implicitamente, insensivelmente, elas mesmas destroem a humanidade.

Estou analisando o espírito das instituições, para concluir da seguinte maneira: desde remoto passado, milhares de homens cultos dirigem instituições filosóficas e religiosas, para levarem a paz e a segurança ao coração da humanidade. Mas, na realidade aqueles homens terminam firmados na posse e segurança dos bens materiais e autoridade retirados do espírito da humanidade. Cada instituição trabalha na defeza de patrimônio criado por ela mesma. A sua voz porém, não é a da humanidade. Cada homem é vida, é a própria humanidade controlada pelas instituições. O espírito das instituições ignora que, se defendendo pelas armas está destruindo a humanidade, o que todos perceberão por fim, sem resistência para conter as águas da vida acumuladas ante a barragem de ignorância e egoísmo das instituições sem vida.

No século XX o espírito da humanidade desenvolveu a matemática, a física, a química, a eletricidade e

“O problema, portanto, não consiste em saber se deveis ou não penetrar nesta esfera de pensamento, neste silêncio, neste estado criador, mas, sim, se deveis chegar até lá por meio da compreensão ou da influência, por meio da persuasão ou da vossa própria “experiência” e compreensão, guiados com muita atenção e discernimento”. Krishnamurti. “Nova Maneira de Viver” Pg. 151.

o magnetismo, e com estes conhecimentos realizou a navegação aérea, o filme, o rádio, a televisão, o telescópio e o microscópio. Mas, são as instituições filosóficas, religiosas e sociais que fazem planos e licenciam a matança daqueles a quem prometeram paz, ordem, felicidade e um lugar no mundo invisível.

Falando para a humanidade, quando devia falar para si mesma, a voz das instituições, através da imprensa diz assim: *“Que se forme, no seio do povo, uma vontade de paz”: 32 milhões de jovens mortos no campo de batalha, 25 milhões de crianças e velhos mortos por bombardeios aéreos, 29 milhões de mutilados na última guerra, e ainda 20 milhões assassinados nos campos de concentração”.*

Como formar no seio de cada povo, essa vontade de paz se ele é manietado e atirado impiedosamente para a matança, para garantir a permanência das instituições sem vida?

Foi o espírito sem vida, sem inteligência, sem intrepidez e sem amor das instituições civilizadas, que criou a universal solução de continuidade histórica, dividindo os povos da terra em dois grupos antagônicos.

Na realidade porém, outro mundo mental já existe, sempre existiu e existirá nas mentes não dominadas pelo espírito das instituições sem vida. Esse outro mundo está no espírito dos que sofrem e entendem a realidade da vida.

Na atualidade Krishnamurti é o iluminado que está refletindo o espírito da nova era. Seu pensamento significa uma maneira perfeita de sentir a vida, uma nova ordem espiritual para o homem que busca a liberdade pelo entendimento da vida.

Na mentalidade das instituições que ensinam matar e morrer, mas não ensinam viver, não será encontrada cousa alguma que beneficie a humanidade. Tudo que elas façam será vão. Pois, já estamos assistindo a Agonia da Civilização.



SENHORA

SUPLEMENTO FEMININO

por *Socière*



DE acôrdo com o calendário ainda vamos usar lãs e peles até os primeiros dias de Setembro.

A estação oficial elegante por excelência, dura três meses.

E os vestidos de inverno têm que ser aproveitados...

Inverno suave é o que Deus nos dá, com dias azuis e dourados, o céu e o sol em franca colaboração com o verde das montanhas, o verde transparente do mar, e a beleza das mulheres que, até quando faz frio, vão à praia a fim de não perderem o curtido da pele que tanto lhes custou adquirir.

Tudo é bonito nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Tudo rebrilha ao sol, apesar da preocupação com a carestia da vida, a angustia dos transportes e o angustioso problema das favelas que se multiplicam a cada passo nos pontos mais apreciados da capital: Copacabana, Leblon, Lagoa Rodrigo de Freitas...

Mas o carioca, apesar dos pesares, não perde o senso de humor.

Isso justamente é que o ajuda a viver, mesmo porque "nem só do pão vive o homem".

Deus seja louvado.

Mas falemos de modas. Digamos à leitora que o "chignon" ultra moderno que está a usar deve ser enriquecido à noite, para "grands soirs", com tufos de flôres e um laço de fita de veludo ricamente colorida, e durante o dia o laço de fita quadriculada em tons brilhantes.

Digamos também que é tempo de ir pensando nos vestidinhos de "faillie-shantung", o tecido mais bonito que agora se vê, de par com o "fil à fil", em tons suaves ou preto, marinho. "tête de nègre", e ainda nas mais lindas cambiantes de amarelo: trigo, mel, pêssego.

Estão na moda os bordados nos casacos soltos, blusas inteiramente bordadas ou talhadas em renda de lã, de sêda, de algodão.

Moda bonita e modelos para todos os tipos.



VESTIDOS BONITOS E PRA'TICOS



Talhado em crêpe marinho é este vestido frente única. Bolero de crêpe branco com bordados vermelhos transforma-o em vestido de passeio.

Vestido de lã fina, preta no decote um vivo crêpe branco. Casaco cintado, bolsos com frizos de crêpe branco.



CASACOS MODERNOS

Casaco de lã escocesa. Punhos com vivos de cadarço na mesma cor dos botões. Em baixo — De lã é o casaco de Barbara Stanwyck. Mangas a três quartos.



Divan-leito para quarto-studio. Pode ser forrado com chintz, cetim, veludo ou drap.

Decoração da Casa

A moderna ou no velho estilo, o ponto base para preparar uma casa (ou apartamento, sem dúvida) é harmonia de linhas e excelente dose de conforto.

Ninguém mais aceita uma cadeira estreita e dura para sentar, nem os sofás com encosto de pau, deixando a doer as costas das visitas.

Isso foi antigamente. Muito embora tenhamos belos exemplares de móveis velhos, não quer dizer que tudo que se usou e ressurgiu num comércio promissor nas casas de antiguidades, seja para adquirir de olhos fechados.

Os grupos de sala compostos de sofá e poltronas, na maioria das vezes forrados com palhinha, hoje levam estofos com molas, o que não só os enriquece como também oferece conforto.

Nos móveis modernos a preocupação do prático e do confortável nada deixa a desejar. E, com os apartamentos onde a sala de estar serve, por vezes, a quarto de dormir e canto para refeições, é comum o sofá-divan, bonito de aspecto durante o dia e, à noite, o melhor dos leitos.

É um exemplar disso que hoje gravamos nesta página.



Arte e Decoração
CORTINAS
TAPETES
E MOVEIS



A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
65 - RUA DA CARIOCA - 67
RIO





Mme. Louis Arpels



Duquesa de Windsor



Mrs. William O'Dweyr



Faye Emerson

As Mulheres mais elegantes dos Estados Unidos

JACK KELLER

SEGUNDO a tradição, o Instituto de Desenhistas de Modas de Nova York escolheu, este ano, as dez mulheres que melhor se vestem nos Estados Unidos. Uma das circunstâncias que mais chamam a atenção para essa escolha, é que normalmente os nomes dessas mulheres todos os anos se repetem... Explica-se: são elas mulheres das

Faye Emerson, numa outra pose.



mais ricas do país e podem permitir-se todos os caprichos que a moda impôs. A fortuna proporciona-lhes oportunidade de viajar pelo mundo, fazendo elas de Paris, a capital da moda, um dos seus pontos de preferência.

É curioso notar que entre essas dez mulheres mais elegantes se inclui apenas uma artista de cinema: Gloria Swanson. Veterana do cinema mudo, a grande protagonista de "Macho e Femea" agora retorna mais prestigiosa do que nunca para o aplauso das multidões com "Crepusculo dos Deuses". Gloria Swanson já esteve incluída nessa equipe brilhante de elegância ao tempo em que era a Marquesa de La Falaise.

AS ELEITAS ESTE ANO

Este ano, a lista de elegância incluiu dois novos nomes: uma artista do teatro e do cinema, Faye Emerson, e a sra. Wilson O'Dwyer.

Faye Emerson, além do seu prestígio como artista, ainda teve seu nome em foco, não faz muito tempo, por ocasião do seu ruidoso divórcio de um dos filhos do Presidente Roosevelt. Hoje casada com o músico Skitch Henderson.

A sra. O'Dweyr é antigo modelo de modas e atualmente esposa do embaixador americano no México. Foi também classificada entre as dez mais belas mulheres dos Estados Unidos.

As outras sete mulheres que mereceram ser incluídas entre as que melhor se vestem, são: a duquesa de Windsor, a sra. William Paley, esposa do diretor da Columbia Broadcastin Company e antigo embaixador dos Estados Unidos no Brasil; sra. Byron Foy, esposa do diretor da Chrysler; sra. William Randolph Hearst Jr., nora do magnata da imprensa americana; sra. Louis Arpels, esposa do célebre joalheiro de Nova York; sra. André Embiricos, esposa de um grande armador grego; e sra. Leland Hayward, esposa do diretor de teatro na Broadway e produtor de filmes em Hollywood.

SAO TAMBÉM AS MAIS RICAS

Se um dia se resolver levar a efeito um concurso para apontar as dez mais ricas mulheres do mundo, a escolha recairia em pelo menos 80% das dez mulheres que melhor se vestem. (IPA).

Presente de Aniversário

Hoje é dia do teu aniversário
e meu grande desejo era ofertar-te
um presente que fôsse tributário
do que mereces tu, da minha parte.

Para tanto, seria necessário
(como disse o poeta) — "engenho e arte"...
E tudo que disponho é tão precário,
que um mimo sequer não posso dar-te!

É teu aniversário. Tenho em mente
nosso lar, teu amor, aquele berço,
o quanto vales: tudo está latente.

Merecias de mim o Universo,
mas só te posso dar como presente
as pobres filigranas do meu verso!...

MILTON F. MENDES

Soneto

Quando te vejo, assim, triste a cismar,
O manso olhar buscando o céu profundo,
— Não sei porque — mas chego a duvidar
Que tu pertences mesmo a este mundo.

Fixando o meu olhar, em teu olhar,
Todo aturdido fico e me confundo,
Supondo-me defronte dum altar —
A Deus rendendo o culto mais profundo.

Desejo te falar mas emudeço,
Quero dizer-te tudo que padeço
Mas morrem-me as palavras na garganta.

Nesse instante de mística doçura,
Eu te juro, formosa criatura:
Não te vejo mulher, vejo-te santa!

CIPRIANO ALVIM

Árvore Morta

Lendária árvore que não tens mais vida
que nem do vento sentes o bafejo;
frondosa outrora foste, eis que despida
da verdejante copa hoje te vejo.

Forças da selva às folhas não mais sobem
porisso folhas secas se tornaram,
elas, assim, teus galhos não mais cobrem,
caíram ao chão e nele se espalharam.

Em vibrações alegres ou de mágoas
viola às mãos de um cantor, talvez serás;
serás canôa flutuando as águas,

a imagem esculpida de uma santa
ou à chama crepitante passarás...
brasido e à cinza que o ar sopra e levanta.

FAUSTO ARIANO DE CARVALHO

Coisas do Telhado

A gatinha muito atenta
Para o mínimo estertor
Acompanha prestimosa
O entusiasmo do tenor

Um miado e depois outro
Procurando bom efeito;
Fecha os olhos e arrebenta
Num valente "dó-de-pelto"!

Esse gato não é "pinto",
Carra escala, harpejo e tudo...
Mas onde ele é mais valente
É soltando um bom agúdo.

Pois agora, minha gente,
Depois desta brincadeira,
Digam — quem será o tenor
A cantar desta maneira!?

ALMA CUNHA DE MIRANDA



terrompida e hesitante sem decidir-se. Não sabia explicar o que sentia, tão imprecisa, sua carne facilmente curiosa e expectante adivinhando futuro largo sem forma e sem imagem, como nebulosidade enchendo ho-

ras. O que seriam seus instantes próximos? Um sentimento de inércia e de tristeza irritada, tomava seus sentidos, e uma revolta contra o mundo brutal que não satisfaz desejos completos, assaltou-a como uma bofetada. Porque despertara abruta e com tal sensação de mal estar se durante a noite anterior estivera tão feliz? Qual a razão desta desunidade de emoção que a transformava em sobressalto, julgando-a exquísita e incompreendida pelos momentos de sua vida, fazendo duro, amargo e inquieto seu existir? No fundo sabia que não era mais que cansaço de si mesma e uma vaga angústia de quem não se determina e não atinge realidade. Ela era mulher para ter sempre saudades dos instantes acontecidos, incompletos na verdade, mas realizados, com a confecção de um vestido. Daí a

sua inadaptação para a espera. Tinha pavor dos dias por vir, irremediavelmente desconhecidos, que se arremessariam sobre seu corpo com domínio sombrio e numa posse mole e doméstica. Pensou em Deus e nasceu uma prece no coração humilde, sem vaidade então. Tornava-se melhor por etapas de tempo diminuto, como num esforço de agradar Deus e então pensava sem saber porque como seria a forma de sua humildade.

E porque voltou a pensar na viagem sentiu correr pelo interior do corpo um movimento febril e impulsivo de pressa. Seria tão

bom chegar de rosto belo e ter beijos alegres para a sua gente. Era necessário apresentar um rosto vivo, luminoso e intenso de brilho feliz. As pupilas maternas curiosas e amantes de amor grandioso, sabiam buscar a tristeza escondida sob o escuro e impaciente olhar era preciso

evitar que qualquer vibração de infelicidade ou de amargura chegasse ou seu rosto como um sinal. E ademais propriamente não era uma mulher desesperada. Era sim vazia e indecisa, e indecifrável. As vezes acentuada em raiva e vergonha de tudo. Daí seu sentimento de dor confusa e ansiosa.

Levantou-se e foi ao espelho. Sua boca pálida, altiva, fechava-se obstinada e hostil como um grito mudo. O corpo magro era insinuante e sombreado de luz do abajour. Rigidamente apegada à idéia da viagem começou a vestir-se impaciente e precipitada, e friamente compunha seu rosto com pó e rouge e baton como se tratasse de uma pintura executada num papel contudo havia a sensação de vaidade que destruía o vácuo no sentido e a tornava solitária e distante do real.

E no entanto a vida era bela. Para muitos a vida era doce como o deslizar da água na vidraça. Havia como uma quieta e distraída submissão aos fatos. E nenhuma precipitação de querer. Nenhum assustado desejo de exagero ou absurdo. No silêncio de sua vontade, havia somente inércia e quase morte de ideal, às vezes uma rebelião de sentimentos vários, confusos, ruidosos, sangrando-a em extraordinária expectativa como de alguém que espera um filho. E ao final era um remover de tudo que a anquiava como um golpe de madeira. Possuía uma incontida transparência de verdade, e seus mistérios eram como cores apagadas que não fazem paisagens. Contemplou as mãos intermamente pálidas sob a luz pobre e os anéis da mão esquerda brilhavam e eram mais vivos que os dedos es-

ABRIU as pálpebras profundamente pesadas e olhou o quarto. Havia sono nos olhos que teimavam fechar sem dar visões claras. Imperceptivelmente moveu seu corpo e toda metade do rosto ficou para a beira do leito, a cabeça ligeiramente pendente fora do travesseiro. Nesta posição incomoda pôde forçar melhor o abrir dos olhos e escorregando sua mão apoiou todo o peso da cabeça sobre ela, sentindo o calor dos fios emaranhados dos cabelos soltos. Com surpresa apressada e muda, acariciou sua própria cabeleira como se deslissassem seus dedos por um pêlo fino de animal. Os olhos abertos doíam ligeiramente cansados. Assim mesmo fitou o mostruário do relógio em cima da penteadeira. Eram três e meia da manhã. Em dia normal, seria demasiado cedo para o despertar. Mas era um dia especial, era bom não esquecer que era um dia de viagem. Viagem para longe. Não podia perder o avião que a levaria para a presença de pessoas que amava. Assim mesmo com o pensamento desperto deixou-se permanecer no leito, alimentando uma preguiça antiga. Num movimento de abandono, estirou todo o corpo deixando-se penetrar de morna e pusilânime sensação de quietude. Com rápidos minutos pensei que poderia ficar indefinidamente na cama e perder o avião. Sua vontade era uma força. Era livre para obedecer qualquer impulso. Encostou o rosto novamente ao travesseiro e sentiu a maciez do lençol na face morna. A fraqueza do corpo trouxe vontade de chorar. Chorar in-

tendidos e magros. Sua imagem intensa no espelho era agressiva e brutalmente esgula e orgulhosa. Daí todos se enganaram com o seu aspecto seguro. Realmente era agradável ficar-se, e ter gestos leves de quem dança sob música distante. Respiando forte sentiu que seu coração batia mais apressado e a naturalidade de seus pensamentos dava sensação de conforto e de equilíbrio.

Ocorreu-lhe de repente que o tempo corria rápido e daí a instantes deveria estar no aeroporto. Teve um precipitado desejo de saber quem seriam os companheiros de viagem, que motivos os levariam, suas ansias, suas experiências. Antes mesmo de vê-los, imaginava rostos como alguém que desenha estranhas figuras num caderno. Gostava de conhecer mentalmente tipos de homens e de mulheres e gratuitamente dava-lhe caracteres novos, e assim sentia-se enriquecida de dons e importante e iluminada. Automaticamente arrumava o quarto e havia despedida nos gestos que distribuía sobre as coisas com propriedade, sem mansidão. Sentia-se como se se despersasse entre todas as coisas presentes e sem esforço seus olhos fixavam-se em tudo com lentidão e tristeza. Havia os quadros de beleza morta. Havia o seu retrato pintado a crayon por um amigo. Engraçado com de inócuo surgiu a imagem do amigo com precisão de traços como se ao lado do seu, surgisse um outro retrato de rosto, fiel e real, do homem que em dias anteriores fixara sua forma num papel. Uma sensação de amor inatingido e amargo subiu-lhe pelo corpo e ficou demorando com áspera e amarga insofreguidão. Sacudiu os ombros e afastou a lembrança do amigo pintor. Onde estaria então? Quando voltaria a vê-lo, encantado e irônico, e alegre, conversando de tal maneira calma e espaçada como se pintasse o mundo com palavras? Ah, a incompreensão dos sentimentos, a incerteza dos acontecimentos. Ele talvez nunca soubesse de sua viagem. Era possível que jamais concebesse a sua vida longe daquele círculo conhecido. Todos temos passado estranho. O silêncio dos dias passados com seu séquito de vícios, de pecados e de assaltos de bondade,

tentando anular a força do mal que as vezes sossobra apesar de todos os esforços para sua destruição... Todos com o segredo de seu passado mais forte do que uma tempestade sobre o mar. Pelo menos a certeza de que os dias do passado foram somente nossos da memória e na saudade de corpo perigosamente estabelecido ante a ameaça de vida presente. Cada vida desligada de tudo o mais, seguindo uma trilha diferente, e só se sabe pelo que sediz quase sempre com mentiras e esquecimento parcial.

Fechou o quarto cuidadosamente como se vestisse uma creança. Com igual carinho. Não olhou a sombra do edifício quando chegou na porta. O taxi lá estava a sua espera. O homem cochilava a cabeça sobre o guidão. Sem querer despertá-lo abrupto, abriu suavemente a porta do taxi e quando entrava devagarinho com a sensação de que cometia uma falta, o homem acordou e pediu desculpas. Ah a humildade dos pobres! Como doe e como lembra chicotadas na carne. Sorriu um sorriso breve de quem acha tudo bom. O carro deslizando era deliciosamente gostoso ao corpo. As ruas tinham um aspecto de mortas, com o silêncio humano de madrugada fechada. Havia uma semi-fluída aragem que trazia frio dentro do carro. Levantou o vidro e o ar quente trouxe sensação de conforto e então entregou-se à certeza da viagem próxima.

O rosto claro da mãe, surgiu com violência de realidade e teve desejos de beijar a fronte mansa, sem angústia. Lembrou palavras de outros tempos e sua infância surgiu rápida como passagem de filme numa tela. A imagem do pai velu surgindo, a princípio apagada e comprida, depois mais clara e brilhante como se iluminada por velas. Um sentimento de amor tão cheio e firme pesou dentro do corpo que assustou-se com a onda de saudade tão presente e tão física como o toque de dedos sobre a epiderme. O tempo escorregava-se devagar. De repente quiz que tudo se passasse depressa para ter logo entre os braços o corpo pequeno da mãe e receber o beijo quente e afetuosos do pai.

O trajeto ao aeroporto durou segundos. Mas enquanto duravam estes segundos, concentrou-se brutalmente integral e de olhos abertos para o mundo, — seu rosto denso, secreto, e longo, ficou entregue ao tempo, totalmente ao tempo, — e visões futuras envoltas de passividade foram vindo mansamente e um pensamento animado de que na manhã seguinte pequeninas coisas podiam acontecer, assim como um brilho demorado numa poça d'água, um rosa vermelha colhida, uma folha despregada da árvore, fazendo ruído ao cair, um copo quebrado, uma safre inesperada como — "O sapato da Lucia precisa concerto", e que era afinal a realidade guardada, reservada para ela, tudo fez viver sorrisos na sua boca, escandalosamente viva de cor...

A noite ainda estava escura e havia luz, demasiada luz de muitas lampadas no recinto do aeroporto. E pessoas com rostos acesos de inquietações e ansiedades caminhavam seus corpos para ali, para cá numa impaciência febril de quem tem pressa. Eram estranhos seus rostos como estranhos seus caracteres. Mas uma força unia-se e sabia que futuramente fechados no bojo do avião como prisioneiros no espaço todos se fariam como velhos amigos. Depois havia o medo, o pavor da fatalidade. Havia o pensamento de morte presente e quente como o calor de brasa. Era vertiginosamente importante esta força seca que ligava todos com correntes invisíveis de sensível solidariedade. E no percurso da viagem nada existiria além da expectativa de chegar. Entrou no avião e uma sensação de náusea tomou-lhe os sentidos viscosa e aderente. Esqueceu de tudo e não era outra coisa que um corpo rígido, duro e violento sobre uma cadeira. E somente distante, de muito longe, a sensação de amor pelos seus que estavam num pedaço de mundo aguardando seus beijos, suas palavras.

Então a certeza de que era muita viva, intensamente viva, trouxe aguda emoção e a compreensão exata das coisas mortas no seu limitado de que estava cercada de coisas vi-mundo de viagem, como antes, como sempre...

CONTO DE ELVIRA FOEPPPEL



a Viagem

ILUSTRAÇÃO DE GOULART

Solidão

SOMOS como espíritos perdidos na contemplação do inexistente! Nossas almas soluçam sozinhas a perda de algo que não puderam abraçar, e caminham lentamente pela nebulosa das consciências vazias, na esperança de encontrarem-se a si mesmas.

Por que não encontrarão nossos espíritos a hegemonia das coisas belas, se há tanta beleza nas cores virgens da natureza, se há tanta doçura na música melódica dos momentos bons que se pode viver!

Há fel, cinzas e cores mortas, no compasso ritimado da vida. Sons estranhos chegam a nossos ouvidos adormecidos. Sombras escuras desfilam silenciosas, como esfinges de pedra pelo caminho estreito e sem fim que percorremos todos os dias. Serão essas sombras negras desejos insatisfeitos, ou apenas espíritos enigmáticos vindos além do espaço sideral que a nossa imaginação não pode abrançar!

Nossos pés sangram! Estamos cansados de caminhar sobre pontagudas pedras! Por que, meu Deus! Por que não poderemos caminhar pela estrada alva e limpa das coisas simples e boas? Por que só há sombras, quando queremos luz, muita luz, para aquecer nossas almas?

Há ventos maus soprando a tênue lâmpada que temos em nossas mãos nervosas! Nossos espíritos permanecem nas trevas! Que faremos para que essa pequenina lâmpada não morra ao sopro leve do vento?

Nossos braços são impotentes para abrir as gigantescas portas que levarão nossos espíritos ao infinito azul do tempo sem começo e sem fim! Sobre o vazio enorme de nossas almas perdidas, há apenas o vácuo escuro das idéias entrecrocadas!

Estendemos nossas vistas para além do horizonte infinito, mas vemos apenas nuvens negras colorindo a linha imaginária do espaço!

A pendula inexorável do tempo, bate compassadamente as curtas horas da vida. Os minutos voam! Os segundos escorrem como gotas d'água na vertigem das horas! Um silêncio terrível toma conta de tudo e de todos. Dentro de nós, continua o silêncio das idéias perdidas!

Lá fora, as árvores estendem os braços para o espaço negro da noite pontilhada de estrelas. Há vozes estranhas fazendo preces ao Criador de todos os mundos!

Na nebulosa das consciências vazias, procuramos em vão encontrar nossos espíritos perdidos!

Quanto tempo durará esta noite interminável? Quanto tempo?

Queremos ver novamente a luz clara do dia! Queremos ver novamente a hegemonia das coisas belas, a música melódica dos sentimentos bons que nos levam para além do espaço e do tempo, sem começo e sem fim!!!

EDÉSIO ESTEVES



UM HOMEM DE SORTE...

Hormino Lyra

A docendo Lena, quis Antógio chamar o Doutor Jolino. Não concordara a esposa: Doutor Jolino tinha muita intimidade em casa.

Por isso mesmo: era amigo e teria interesse em lhe restabelecer a saúde.

Não queria. Tinha acanhamento. Intimo de mais, era um sacerdote da medicina mas, um homem. E a confiança deve ser livre de qualquer constrangimento.

La chamá-lo, sim.

Nunca errariam os maridos, se atendessem sempre os rogos das senhoras quando não mostram vontade de ter certo indivíduos perto de si.

Intima as duas famílias, nas ceias joaninas dos grandes hotéis, nos bailes de Natal e Ano Bom, nas folias carnavalescas; em tudo andavam juntas, e sempre um marido de braço dado com a mulher do outro... Contudo, não queria Lena que o Doutor Jolino fosse o seu médico assistente... O porquê disso só ela sabia.

Havia certa vez dito ao marido, a quem amava com ternura, já não gostar de festas. Estava farto de divertimentos.

Quando ele a desatendera e foi chamar Doutor Jolino, quase gritara com todas as forças dos pulmões que este não era seu amigo, mas faltou-lhe a coragem.

E veio o médico e auscultou-a mais demoradamente quando lhe aplicou o ouvido ao peito... E ela sentia-se contraindo e ruborizava-se e, angustiada, olhava o marido; entretanto este não a compreendia.

Não era Lena mulher de boas letras, como a senhora do Doutor Jolino, mas, de ótimas qualidades.

O facultativo amigo, viciado em conquistas amorosas, conversando uma vez com a esposa de Antógio, revelou-lhe algo esquecido, desconforme, que sensibilizou o coração da pobre senhora. Esta andara atordoada durante muitos dias, sob excessivo acanhamento de o encarar, sem coragem de o repelir, com receio de resolver... Salvou-a presenciar ela própria certa cena e ouvir os galanteios ditos pelo doutor a conhecida cortezã.

Antógio fazia-se crer muito fiel, mas praticava infidelidade com o falso colorido de constante fidelidade; nada obstante, dedicava a casta esposa excesso de carinho.

De uma feita, Lena queixara-se ao marido de falta de amizade; pois, se a quisesse como o queria, haveria um pouco de ciúme.

Como ter ciúme dela, se lhe reconhecia as boas qualidades morais; se sabia perfeitamente quanto fora sempre sua amiga?

Ela insistia em que ele não lhe tinha amor que desse lugar aos zelos. Ah! não tinha.

Rir gostosamente o esposo.

Podia rir mas o certo era isto: não tinha certo zelo que devia ter.

Que história essa! Estava a bater na mesma tecla. Precisava explicar.

— Pois bem. Vou explicar: deixaste-me com o Doutor Jolino aqui, nós dois sós, um dia destes; e eu não gosto disso.

— Falta-te com o respeito?

— Se não me falta com o respeito, é pelo fato de...

E caiu a chorar.

De qualquer sorte, Lena não pôde explicar tudo puramente como tal, senão dando idéia de uma coisa falsa, por não poder dizer a verdade crua.

Ora, ninguém melhor conhecia o acusado do que o próprio Antógio, porquanto lhe era companheiro em patus-cadas.

Bem. Ela ficasse tranquila, confiando nele, no maridinho.

E quando de noite, no *Fluminense Football Clube*, sorridente, com o fim de pedir notícias de Lena, vinha Jolino cumprimentar Antógio este olhou-o mal encaradamente de cima a baixo e deu-lhe as costas.

Compreendera logo o gesto do outro e encolheu-se.

Ao chegar à casa, contou a Lena o seu feito, recomendando ao mesmo tempo que, quando encontrasse nalgum lugar o Doutor Jolino, nada de cumprimentos.

Nada de recomendações. Ainda bem que o marido acordara.

E se não acordasse?

Ah! De qualquer sorte havia de vir a tempo.

Viria? Não obstante a honestidade de Lena, esta, de caráter encantador mas muito sensível ao sofrimento alheio, poderia, se não houvesse presenciado um ato sensível, ser vítima do leão de corações femininos e bastante experimentado em fazer as suas preças.

Antógio, não resta dúvida, ainda é um homem de sorte...

De onde viria a serenidade inquebrantável; de onde viria a fortaleza de ânimo, que nunca tivera; de onde viria a integridade de inteligência, que sempre lhe faltara?

Debruçara-se na própria dúvida, a fitar, a pesquisar, a interrogar...

Fugira-lhe dos lábios o sorriso confortador das horas perenes, que voltariam jamais. A cabeça altiva erguia-se, poderosa, soberba, na ebbriedade de céu e de luz.

Que lhe importava a fome, que lhe importava o mundo, quando se dispersara na inherência de seu "eu" vigoroso, ferazmente egoísta no combate irremediado e destruidor, que o subjugaria inteiro?

Dos olhos sempre tristes e cheios da irresistível vontade de chorar, restava-lhe o esplendor escasso e último. O sentimento intoxicado, a fraude da alma — epopéia inútil, perdida, morta, morta!

Naufrágio da vida, lutou a recolher, faminto, a derradeira migalha; o orgulho, porém, indomado, assassino e destruidor, armou-lhe a couraça forte e eterna. A

CONSUNÇÃO

"Si eu não morresse nunca, e eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das
[coisas!]"

CESÁRIO VERDE

mão que se estendera, súplice, ao grito de amor mendaz, deteve-se gelada e rijá sobre o peito de touro, na severa altivez.

Fugiram-lhe os outros homens, amedrontados, como si aquele manancial de bondade e de doçura os pervertesse no amargor do absinto e do fel. Fugiram-lhe as mulheres belas, espavoridas, ante a visão de desoladora apatia. Fugiram-lhe os meninos débeis, acovardados, que beberam de sua boca os louvores do Evangelho, e sentiram a tepidez do ninho na carne preciosa de seus braços ágeis e colossais.

NOEMI PITANGA

Onde, pois, os olhos húmidos de ternura; onde a boca cheia de ansiedade no panegírico da palavra consoladora e eficaz? Onde a veemência do desejo que o assustara, onde a loucura, onde a selvageria que anestesiara? Onde, Onde?

Aniquiladas as recordações; extinta a volúpia da carícia funda; perdida a vida; róto o sentimento; que lhe restaria, pois? Onde a luz e o canto? Onde o repouso e o ninho?

Onde a exaltação evocada delirantemente? Onde as carícias dolentes que convertera em salmos, aliviando-lhe o degredo da melancolia, quando maior fora a diversão experimentada e quanto mais íntima se atuara a angústia do inexorável e do vazio?

Onde descansariam seus pés febris e tropegos de cenobita-solitário?

Desfalecera-se-lhe a crença à violência dorida do não-ser...

O réprobo já não pertencia ao mundo, e no horror de sua dúvida atroz, olhos fitos na altura, obstinava-se a viver...

MACUMBA

E. VITOR VISCONTI

A noite sacode o pó de ouro das estrelas,
Desatando a basta cabeleira da sombra,
Suas madeixas negras envolvem
Os selos duros das colinas pretas.
Todos os contornos se diluem e apagam
Numa frouxidão cálida e aromada.

Maga dansarina em ritmos lentos ondula
O corpo flexuoso e sensual.
Toada merencôrea de música selvagem
As vagas entoam em surdas cadências...
— Invocação de forças estranhas!
A mãe água vestida de renda e prata
Atende à invocação da macumba,
Que toca a zabumba no morro distante...
— Um ponteiro de ouro rasga o negrume das águas...
Surtem em bando os orixás. Salve o povo água!
Salve Exú, Salve Pai Estrela!
Ballam demônios em rondas fantásticas...

Com a licença de Ogun, Exú chegou...
Há gritos, guinchos, silvos, assobios,
E a risada clara do demônio terrível
Rasga a treva da noite assombrada...

Uma voz soluçante impreca...
— Exú, fazei-me amada...
Ou então vingai-me!...
Eu vos dou charuto, marafa,
Sangue de galo preto na encruzilhada...

Canta ponto de Demanda.
Chama povo de Umbanda...

Em busca dum Congá,
Eu baixei na Aruanda,
Chama caboclo Arruda
Pra vencer essa Demanda...
Aruê, Aruanda, chama
Caboclo Arruda
Pra vencer essa demanda...

Dansam no ar desejos violentos,
Confundem-se corpos e angústias,
E, em ritmos febris de grosseira lascívia,
Retumba o tambor e prossegue a macumba...





JOGOS E PASSATEMPOS



Direção de Chô-Chô

4.º TORNEIO — Julho-Agosto, 1951

Charadas Sincopadas

Charadas Novíssimas

☆

7

Ao João Fogaça

1

1-2 — Aqui, nesta parte da igreja, só ficará quem for silencioso.

A. Silva — Rio

2

1-2 — Antes de fazer uso, estudei todos os aspectos e efeitos dos líquidos alcoólicos.

Fátima — Rio

3

2-3 — Se te falha a memória constantemente, procura o médico que é questão complicada.

Matsuk — T. E. — Rio

4

2-1 — Em sua última canção, podia-se sentir a angústia e o sofrimento moral do grande poeta.

Bandeirante — São Paulo

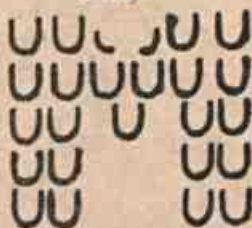
5

1-3 — A raiva que se anulou parcialmente, pode ser uma das causas da epilepsia.

Redskin — C. E. C. — Rio

Enigma Pitoresco — 6 — Zytho — H. C. — Rio

Grato a O. Janz, que descobriu estética nos meus pitorescos...



3 — Minha formosa tricana,
Tú vives nessa choupana
A cantar, tão lindo, o fado.
Quanto sofre um coração,
Vivendo nessa prisão
A recordar o passado! — 2

Campina Grande — Euclides Vilar

8

3 — Foi uma doce evasiva
A tua resposta, Maria,
E eu me atormento querendo —
Saber o que ela escondia. — 2

Zytho — H. C. — Rio

9

3 — Diante de um juiz enérgico ninguém livra-se da prisão. — 2

Malves — C. E. C. — Rio

10

3 — Num demorado estudo das coisas e que notamos o poder de Deus. — 2.

Matsuk — T. E. — Rio

11

Ao amigo Vilar

3 — Para ser um bom filósofo é necessário ter propensão... — 2

Chô-Chô — Rio

12

3 — Repare que toda mulher nobre traz um amuleto ao pescoço. — 2.

Bandeirante — São Paulo

Charada em Verso

13

Ao Zytho

É bem grande esta pairão — 2
Que eu sinto no coração.
Foi a sorte quem m'a deu.
Mas os laços do inimigo — 1
Andam de ponto comigo
E só quem "nota" sou eu.

☆

Campina Grande — Euclides Vilar

JOGOS E PASSATEMPOS

Cupão de Inscrição

Nome

Pseudônimo

Aniversário — Dia Mês

Residência

Cidade Estado

Uma lágrima (3-7-5) de mulher o atormenta (1-9-8-4) como um ferrete (1-4-6-10-2) em brasa. É burlesco (10-7-1-9-3-11), muito burlesco.

Ralvo Ilvas — C. E. C. — Rio

Logogrifo em Verso

A CARNEIRADA

Numa manhã serena e bem nublada,
Quando, calmo, pastava o meu rebanho,
Eu percebi que toda a carneirada,
Nervosa, dispersou por facto estranho.

Era somente um cão que, pela estrada 3-11-7-2
Ia, faminto, em busca d'algum osso, 5-3
Dando por paga a sua caminhada 9-6-10-9-8-9
Se tal achasse para um régio almoço, 5-4

Ao aprisco chegando em disparada,
Saltando valos sem olhar estorvo,
Eu indaguei ao chefe da malhada: 11-6-1-9-4-11

— Por que tal correria? — Algo de novo?
Disse-me ele, sem me dizer nada;
— Nós, meu Amigo, somos como — o Povo...

João Fogaça (Mendes)

Correspondência

Giorgio (Rio) — Queira nos informar seu endereço, a fim de que possamos responder-lhe convenientemente. Desde já, informamos-lhe que não visamos elogios imerecidos e muito menos "legislamos em causa própria"...

Em virtude de nossa ausência temporária desta Capital, somente no próximo mês reiniciaremos a habitual correspondência com os nossos distintos colaboradores.



ANTONIO AUGUSTO
MONTENEGRO
Cume Preto

REGISTRAMOS com o mais profundo pesar, a infausta notícia do passamento deste nosso confrade e velho colaborador de O MALHO.

Charadista dos mais competentes, batalhador incansável do Charadismo, em cujo meio contava com uma legião incalculável de amigos e admiradores, "Cume Preto", ficará sempre na lembrança dos enigmistas, não só pelo muito que fez em prol do desenvolvimento de nossa Arte, como também pelas muitas amizades que soube conquistar com o seu habitual cavalheirismo.

Aos seus dignos familiares, enviamos os nossos pesames.

...

"QUEBRA CABEÇA, MAGICOS E PASSATEMPOS"

IANTOCK, o conhecido artista, nosso colaborador dos mais antigos e mais apreciados, lançou mais um livro. Trata-se, desta feita, de um pequeno mas interessante volume em que estão reunidos — conforme o próprio título o diz — variados, e pitorescos quebra-cabeças, mágicas, passa-tempos e piadas, capazes de encher de alegria as horas de lazer — hoje tão raras.

O volume, ilustrado pelo autor, que compilou muita coisa verdadeiramente atraente, é lançado pelas Edições Segredo, desta Capital e constitui, como ficou dito, leitura agradável, pela variedade e pelo acentuado bom-humor que o caracteriza, como, aliás, a tudo o que traz a assinatura do criador de Caximboim e Pipoca, do Barão de Rapapé e outros tipos popularíssimos das histórias em quadrinhos.

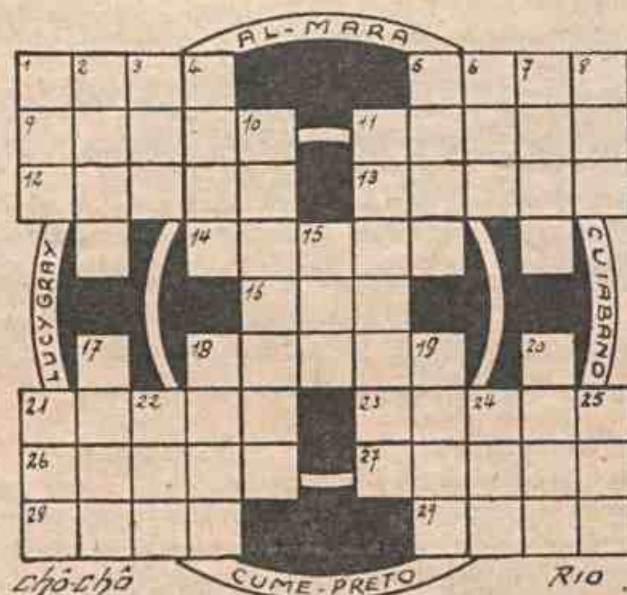
PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 1 — Chô-Chô

Aos amigos que empreenderam
a longa e última caminhada...

Horizontais: 1 — Tédio, 5 — Peciolo, 9 — Montanha, 11 — Padrão monetário no Perú, 12 — Praia, 13 — Mercado, 14 — Medida itinerária que equivale a 6.000 metros, 16 — Chefe de uma das tribus de Israel, 18 — Causam, 21 — Insecto diptero da fam. dos Quironomídeos, 23 — Obrigação, 26 — Combate, 27 — Etimologia, 28 — Liso, 29 — Viver.

Verticais: — 1 Membro empenado das aves, 2 — Embarcação pequena e a remos, 3 — Acredita, 4 — Vocal, 5 — A magistratura, 6 — Para barlavento, 7 — (Andar ao) Funcionar irregularmente, 8 — Reza, 10 — Satisfação, 11 — Pesar, pela ausência de alguém que nos é querido, 15 — Alegre, 17 — Espécie de arcanjo das macumbas, 18 — Ave, 19 — Limite, 20 — Pedra preciosa, 22 — Pano de armar casas, 24 — Desprezível.



SÃO LORENÇO

(Conclusão)

portuguêses, do comércio varejista, dos que já contam com o futuro...

Em junho e julho, professores e estudantes na sua maioria de S. Paulo; agosto é quase morto. Em setembro e outubro, S. Lourenço sacode o torpor para a nova vida e... recomeça-a em novembro!

É a linda cidade o lugar preferido para as luas de mel. Raro o hotel que não guarde um casal amoroso que, esquecidos de tudo e de todos, erram pelas alamedas risonhas do parque trocando juras...

Possui S. Lourenço, aproximadamente, quarenta e tantos hotéis, sem se contar com as pensões e casas familiares que acolhem aquáticos na época do verão. Dentre os hotéis, todos bem dirigidos e cuidados, uns próximos do porque das águas, outros mais distantes, mas com meios de transporte gratuitos para seus hóspedes, salienta-se o bem localizado PONTO CHIC HOTEL, de propriedade do Sr. Francisco Pereira Lemos. Além de proporcionar todas as comodidades exigidas para seus visitantes, o PONTO CHIC HOTEL, bem em frente ao parque das águas, oferece a todos os que o buscam, na distinção dos seus dirigentes, um ambiente familiar invejável, aliado a um tratamento de primeira ordem. Dessa forma, quem visite S. Lourenço e se hospede no PONTO CHIC HOTEL, há-de, forçosamente, repetir como aquele turista: S. LOURENÇO — Um pedacinho do céu na terra!

SÃO PAULO E A CRISE DE TRANSPORTES

(Conclusão)

As crianças são as que mais padecem porque são tratadas como adultos e não têm recursos físicos para resistir à impetuosidade de certos passageiros apressados, que tudo vão levando de roldão. Sofre, sobretudo, a população escolar, que é obrigada a sair de casa diariamente por contingências impostas pela necessidade de estudar. Muito cedo ainda, nos dias de sol ou de chuva, os pequenos colegiais já estão na rua, na luta pela condução. Coincide a sua saída, justamente, com a dos que vão para o trabalho, o que agrava sobremaneira o problema do transporte. E ao meio-dia, quando os adultos saem para o almoço, lá estão eles, nos pontos de ônibus e de bondes, à espera de veículo que os devolva ao lar. Nas proximidades dos grandes colégios é onde a aglomeração escolar se torna maior. E as crianças ficam, horas a fio, a aguardar que um veículo mais vasto lhes possa levar ao destino, enquanto os adultos, em verdadeiras lutas corpo a corpo, disputam os poucos lugares que encontram.

A.C.M.T.C. é uma organização de capitais mistos, que absorveu, entre outros, todo o patrimônio da antiga Light & Power. Foi constituída com o capital inicial de 250 milhões de cruzeiros e sua integralização deu-se da seguinte forma: 80 % constituído por valores imobiliários, tais como bondes, ônibus, material fixo e rodante, etc. e 58 milhões de cruzeiros em dinheiro, da quota do Estado, pagos pela Caixa Econômica Estadual. Pagando 22 milhões de cruzeiros aos antigos proprietários de linhas de ônibus, a companhia ficou, ao nascer, com 36 milhões de cruzeiros em dinheiro. Esses antigos acionistas da companhia, representando 40 milhões de cruzeiros, dado que a sua antiga frota havia sido avaliada em 62 milhões de cruzeiros.

Sendo a capital insuficiente e constituído em sua maior parte de valores imobiliários, foi a companhia obrigada a lançar mão da receita — dizem os responsáveis atuais — para adquirir a nova frota, ora em circulação. Como a compra não podia ser efetuada à vista, deliberou-se fazer-lhe a prestação, onerando-se a receita até 1953. Como se vê, a companhia embora possa estar em situação econômica satisfatória, encontra-se mal financeiramente, dado não dispor de dinheiro para movimentar os seus serviços diários.

Seus diretores alegam ainda que das oito garagens da C. M. T. C., apenas duas pertencem à companhia, que paga aluguel pelas seis restantes. A grande oficina mecânica da rua Guaicurus somente pôde atender a um quarto das necessidades, sendo o restante feito em oficinas particulares. A. C. M. T. C. não tem sede própria, pagando aluguel por vários prédios onde se alojam, representando mais ou menos 400 mil cruzeiros de desembolso mensal! É bem de ver que esses alugueis são pagos com uma certa liberalidade, em profundo desacordo com a situação financeira da companhia, que os próprios dirigentes confessam ser péssima.

ARTIGOS PARA ESPORTES

Futebol, Basquetebol, Voleibol, Tênis e Patins —
Roupas de banho — Calçados Tênis e Encordoamentos de Raquetes.

CASA SPANDER

120 — RUA BUENOS AIRES, 120 — TEL. 23-5403
PEÇA CATALOGO GRATIS

REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL

De tal maneira tem sido a celeuma popular contra os maus serviços da C. M. T. C., que a Câmara Municipal chegou a ventilar a hipótese de ser a companhia encampada pela Municipalidade, desaparecendo o caráter misto da sociedade. Mas contra essa idéia se levantou uma poderosa corrente de interessados, que alegam constituir a encampação uma verdadeira "marmelada". E as opiniões se chocam, na tribuna do legislativo municipal e nos "a pedidos" dos jornais, havendo ainda os que sustentam que a encampação referida traria como consequência mediata e inevitável o acréscimo do quadro de funcionários, já excessivo na atualidade.

O fato é que a C. M. T. C. está fazendo face as despesas muito superiores à sua receita. Daí a ineficiência dos seus serviços atuais; daí também, a insistência com que vem pleiteando o aumento dos preços das passagens. Essas são, atualmente, cobradas na seguinte base: ônibus, um cruzeiro; bonde, cinquenta centavos, o que garante à companhia uma receita diária suficiente para assegurar ao público serviços mais perfeitos, sobretudo em matéria de regularidade e presteza. E olhem que, exigindo isso, o povo apenas exige uma retribuição justa pelo que paga.

Parece, entretanto, que o malcinado problema do transporte, na capital de São Paulo não se resolverá tão cedo. Ainda recentemente foi aventada a idéia de se utilizarem micro-ônibus e camionete nesse serviço, não apenas diante do exemplo de outras capitais, mas sobretudo em face dos resultados colhidos no Rio. O diretor do Serviço de Trânsito, porém, fulminou a sugestão, com uma pequena frase: "Sou de opinião contrária porque acho que esses veículos contribuiriam para congestionar o tráfego". Ou, em outras palavras: para que não desarrumem o tabuleiro de xadrez, ele não entrará no jogo... Sim, para que não lhe venham criar problemas e amolações, dificultando o trânsito, ele é sumariamente contra. E, assim, São Paulo vai atravessando dias difíceis, em matéria de transporte, de que é, aliás, testemunha eloquente a longa série de fotografias que ilustra esta reportagem.

VAMOS DESENHAR

TRABALHOS técnicos como este livro do sr. Pedro Elbert Jr., professor da Escola de Aprendizagem de Artes Gráficas do D. I. N., são de grande valia numa época como a que estamos vivendo e num país como o nosso.

Capacidade e inteligência não faltam aos nossos patricios, e o de que precisam, neste momento de renovação de valores, é de bons livros, oriundos de mestres capazes que lhes sirvam de orientação para a metodologia necessária aos seus misteres, libertando-os do empirismo e da improvisação.

O livro do prof. Elbert Jr. cuida dos desenhos de motivos achurados arte das mais belas e que exige equilíbrio e segurança manual sem equivalente, aos seus cultores, o que vale dizer, um cérebro bem exercitado e nervos sob perfeito controle.

As noções são seguramente ministradas e o assunto, assim tratado, até se torna agradável. A edição é da Imprensa Nacional.

LIVROS E AUTORES

RAUL DE AZEVEDO

VENESUELA — Ligam-nos a Venezuela laços de grande amizade, e assim tudo que lhes diz respeito nos interessa, principalmente no seu ramo cultural. Daí, termos lido com prazer diversas das suas melhores publicações que nos foram gentilmente oferecidas pelo seu notável Embaixador no Brasil.

Destacaremos desde logo a "Revista Nacional de Cultura", publicação que honra as Américas, editada pelo Ministério da Educação e de que é diretor um nome conhecido, o escritor Ramon Dias Sanchez.

Há ensaios, crítica, poemas, estudos históricos, que fazem de cada número um livro precioso não só para a Venezuela como para o continente.

Ari es Venezuela é uma sumula, copiosamente ilustrada, do que é hoje o simpático País, com as suas artes e indústrias, e sua geografias, a sua organização e as suas possibilidades. Caracas é uma capital maravilhosa e empolgante.

Recebemos também outras publicações de sentido agrícola, com as suas realizações, todas merecedoras de especial atenção.

*

A escritora Flavia da Silveira Lobo oferece-nos o seu último livro, *Poema do Esquizofrenico*, caderno de poesias (Pongetti, Rio de Janeiro). Poetisa brilhante, fulgurante de inspiração, tocada sempre de emoção, em alguns livros, este seu último confirma os predicados com que alicerçou o seu nome. E ela tem o culto da verdade, o sabôr da realidade. Flavia da Silveira Lobo tem poemas excelentes, simples na forma e profundos às vezes no sentido. Autora de diversos livros bem recebidos pela crítica, firmou-se como escritora e poetisa, e este seu livro tem belas páginas, flagrantes de realidades.

A vida não é como desejamos e sim como ela é. O pequeno volume, através dos versos, revele os profundos conhecimentos científicos da autora. O título chocante do livro é um roteiro.

A poetisa suprime a pontuação nos seus versos, salvo uma ou outra interrogação imprescindível. Não chega a ser bem uma "modernista", pois às vezes escapa a regra geral.

*

No panorama cultural do País está o nome fulgurante de Celso Vieira. Figura das mais brilhantes da Academia Brasileira de Letras, ele é um excepcional estilista com segredos do idioma rico que tão sabiamente maneja. É positivamente um grande estilista.

Veste a idéia com o vocábulo próprio, e dá-lhe um brilho novo. O seu último livro, *O Genio e a Raça*, — remessa da Livraria Antunes alicerça definitivamente o seu nome que honra o Brasil intelectual.

Escritor de muitos livros bons, e ainda recentemente lançou *Joaquim Nabuco* que é um ensaio ótimo, este seu *O Genio e a Raça* é uma obra superior, diremos invulgar. Traz um prefácio certo e seguro do profundo escritor português Antero de Figueiredo.

Trata-se duma coletânea de estudos, escritos em bom vernáculo, com apreciações justas e conclusões equilibradas. *O destino dos livros*, *Beatriz Portinari*, *Beatriz Paradisica*, *Venus Camoniana*, *Cervantes e D. Quixote*, *Velhice de Chateaubriand*, *Eça de Queiroz*, *Olavo Bilac e Final*, são páginas que ficam na literatura brasileira-portuguêsa. Raros, raríssimos dos nossos escritores traçariam ensaios como aqueles sobre *Eça de Queiróz* e *Olavo Bilac*.

Celso Vieira é um consagrado de verdade, e o seu nome é uma das glórias lidimas da literatura brasileira.

SÓ VENCE QUEM TEM
FORÇA
SÓ VIVE QUEM TEM
SAÚDE



TARQUINO

FORÇA E SAÚDE
COM
DYNAMOGENOL
É um produto do LABORATÓRIO SIAN

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



DORES
de **CABEÇA**

TRANSPIROL

UMA TRADIÇÃO JORNALISTICA...

Os Cânticos Juninos

A geada cae na roça,
Cae na estrada e no brejo
Chico viola cole o leite,
Da vaquinha do lugá,

A geada cae na roça,
Na coleta do café,
Todos home trabalhando,
P'ra sustentá sua muié.

A galinha no terreiro
Cria pinto como quê,
Dano Sandoca põe o mio,
Na pontinha da coié.

E a geada cae na roça
Cae no telado e no sertão,
Cae na poloca da Baiana,
Cae na parna da minha mão.

A morena lá da roça,
Quando escole o seu feijão,
Ela mostra a perna grossa,
Ao seu Chico Mané João.

Só Pedro tacho é valentão,
Sorta traque e buscapé,
Segura onça com a mão,
E tem medo de mulé.

La na estrada chia o carro
Boladeiro riachão
Carregado de café,
N'arvorada de São João.

Fecha a porteira Sá Maroca,
Oia gente no quintá,
Assando batata e mandioca,
Na fogueira do arraiá.

PASQUALETTE



LEIAM Ilustração Brasileira

PÃO DE AÇUCAR

O passeio das sensações! Sensação de orgulho pela obra científica do homem, dominando o espaço em uma via original e seguríssima. Sensação de patriotismo por se tratar de empresa exclusivamente brasileira. Sensação de deslumbramento na contemplação do panorama da cidade maravilhosa.

RESTAURANTE E BAR

O caminho aéreo funciona diariamente das 8 hs. às 22 horas, subindo o carrinho tôdas as horas e meias horas certas. Passagens: Cr\$ 6,90 até o Morro da Urca e mais Cr\$ 6,00 até o Pão de Açúcar. Grátis para crianças até 1,20m. de altura. Bonde: Praia Vermelha. Ônibus: para a Urca ns. 13 - 47 e 106. "Urca N.º 13".

Informações pelo telefone: 26-0768

PRIMEIRAS LETRAS

"PRIMEIRAS LETRAS" (Coleção Seth) — CARTILHA PRÁTICA — Ilustrada para aprender a ler — 350 desenhos que tornam a aprendizagem mais

fácil e objetiva — 18.ª EDIÇÃO — Preço 5,00.

Distribuidores: S. A. "O MALHO" — Rua Senador Dantas, 15 - 5.º andar.

RIO DE JANEIRO

O PRESTÍGIO DE DUMAS

Em Setembro de 1846, o ministro Salvandy pediu a Alexandre (pai) que escrevesse um livro sobre a Argélia, a fim de incutir no animo dos franceses o gosto de colonizar.

— Você terá 10.000 francos para as despesas — disse-lhe o ministro.

— Aceito, mas exijo, além disso, que um navio de guerra me transporte de Cádiz a Argélia.

O grande romancista partiu, altivo como um rei, pois levava a incumbência de representar a França em Madrid... Mal se instalou no *Hotel da Europa*, nessa capital, é procurado por um oficial de marinha francês.

O marechal Bugueaud — confia-lhe o militar — põe à disposição de V. Ex. a fragata *Le Veloce*, por achá-la um navio mais condigno para um alto emissário do Reino.

No ministério da Marinha e no Parlamento, protestaram contra as honras concedidas a Dumas. Achavam "ser conveniente pôr à disposição de um literato um navio de guerra, oficiais e marinheiros, exclusivamente afetos ao serviço do Estado".

A Sra. de Girardin, na imprensa, defendeu o escritor, alegando "que ele honrava as Letras com seus trabalhos grandiosos, seus estudos maravilhosos e sua cultura universal", acrescentando:

— Trata-se de contar uma caçada? Ele conhece todas as palavras do dicionário dos caçadores... Um duelo? Leva vantagens sobre Grizier... Um acidente de carruagem? Sabe, como Binder, todos os termos do ofício...

Em sua defesa, Dumas provou que fôra "o único francês convidado para o casamento do Duque de Montpensier", que "o Rei lhe conferira o cordão de Carlos III" e "tinha o título de Marquês de la Paillette".

Em Paris, não se falava senão no fecundo romancista, que, em 1847, fôra condenado pela Justiça, em processo intentado pelo "Constitutionnel" e por "La Presse" a fornecer a este jornal oito volumes, no prazo de oito meses, e àquele seis volumes, no prazo de um semestre.

A multidão o seguia em toda a parte onde o encontrasse. Esse Saint-Germain, em 1846, fez delirar a cidade, que o recebeu, certa noite, com fogos de artifício.

Todo o mundo lhe cedia o lugar nas diligências de Paris:

— Senhor Dumas! Senhor Dumas!...

Alexandre possuía um castelo em Port-Marly, cujo estilo evocava a Renascença. As armas dos La Paillette, de quem ele era neto, decoravam a verga da entrada suntuosa, com o dístico: "Amo a quem me ama".

Em visita ao castelo, o jornalista Gozlan estranhou que no "Salão dos Escritores", onde se alinhavam os bustos dos grandes literatos de todos os tempos, faltava o do próprio Dumas.

— Eu, explicou o autor das "Memórias de um médico" — eu estou em todo o salão.

O "Castelo de Monte-Cristo", assim o denominaram os populares, estava "sempre aberto de todos os lados, sem muralhas nem fossos, nem cercas". As favoritas em exercício que o governavam e mandavam nos serviços eram a atriz Person e a Sra. Scrivaneck. Dumas não sentiu saudades de nenhuma quando se viu livre delas... O Duque de Montpensier mandou construir para o romancista o "Teatro Histórico", cuja inauguração a 20 de fevereiro de 1847, tendo sido apresentada, em meio do maior entusiasmo, a peça "Rainha Margot".

Saint-Beuve, que elogiava o humor de Dumas, a sua narrativa leve, a sua facilidade em descrever.

— Ele é bastante cortês, acolhe bem a todos, mas... quando abraça não aperta — lamentava o crítico.



O MEU SEGREDO!

O uso das PASTILHAS MINORATIVAS restituiu-me a alegria e bem estar. Esse produto é um laxativo suave para todas as idades. Siga o meu conselho e tome

Pastilhas **MINORATIVAS**
CONTRA A PRISÃO DE VENTRE

Teophile Gautier viu-se, numa noite, obrigado a abrir a porta de sua morada a Dumas pai e a Dumas filho, que haviam feito um berreiro dos diabos a fim de acordar o poeta.

— Somos nós, Dumas pai e Dumas filho!

— A estas horas! Já estava deitado...

— Preguiçoso! Vamos, levanta-te e caminha!

Deixaram a casa de Gautier às quatro horas da manhã. O autor de "Emaux et Camées" ficara exausto de tanto rir.

Percorreram a Avenida de Neuilly, desceram os Champs-Élysées e, entrando na mansão de Dumas filho, o velho perguntou:

— Alexandre, meu bom amigo, vê se me arranjar uma lâmparina.

— Para quê?

— Vou trabalhar...

Jules Michelet comparou Dumas pai a um vulcão inextinguível, e um grande rio da América. Confessou-lhe, um dia, que o apreciava e admirava por ser ela "uma das forças da Natureza".

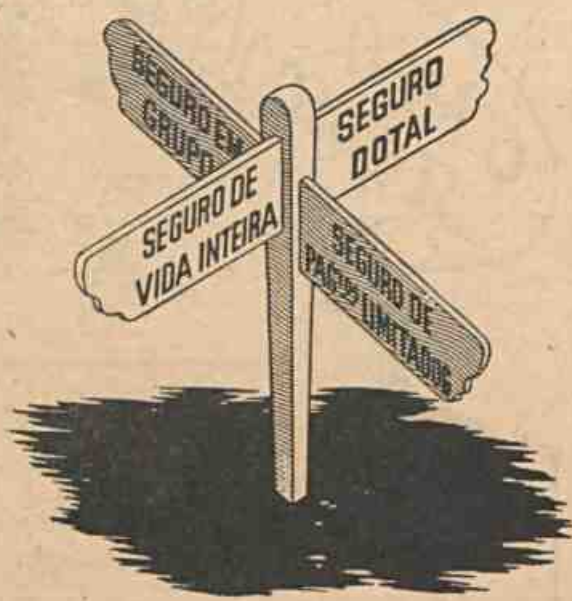
— Até aonde teria ido Dumas — cogitava o projecto historiador — se não fosse a orgia de improvisações em que se dispersou desde 1827? Esbanja a torto e a direito, traduz o génio em dinheiro, desperdiça-o por toda a parte...

Agora, nós: a dívida do Mundo para com Dumas é maior que as dívidas por ele deixadas...



Codeinol
CONTRA BRONQUITES, ASMAS, TOSSES, ROUQUIDÃO E COQUELUCHE
— nunca falta! —

★ Escolha o caminho!... ★



A modalidade do seguro de vida é variável, facilitando, assim, sua melhor conveniência. Qualquer que seja o seu interesse, "escolha o caminho" que "A EQUITATIVA" está apta a oferecer-lhe para sua garantia e tranquilidade. Não estando sujeito a descontos e impostos, nem sequer o de transmissão, o seguro de vida é pago integral e imediatamente ao beneficiário. Consulte-nos, que lhe daremos todas as informações e esclarecimentos.

A EQUITATIVA DOS E. E. U. U. DO BRASIL

Sociedade Mútua de Seguros de Vida
Sede: Av. Rio Branco, 125 - Rio de Janeiro

★

★

Preso por banditismo um sosia de Rasputim

(Conclusão)

situado entre os lagos Sitajaur e Rustajaur considerava ele como região sua e a si mesmo chamava e exigia que os autores o chamassem "rei da montanha".

Ai reinou ele quase um mez e as autoridades policiais precisaram de 6 aviões para o descobrir e quase um batalhão para o cercar. E, mesmo vendo perdida a situação, Hansen não se rendeu, a não ser quando ferido nos joelhos por um ricochete. Foi transportado ao hospital de Gelliv'are, onde o colocaram na mesma sala onde era tratado um jovem turista suéco, primeira vítima sua, ferido no seu primeiro encontro com aqueles que "ousavam penetrar na sua região" IAP).

CRIME SEM CASTIGO

(Conclusão)

ia contando e cada vez ficando mais rubro — Um, dois, quatro, dez, vinte e dois, quarenta e cinco, setenta e nove e oitenta.

Só naquela região, gente humilde, boa trabalhadora, elemento nacional necessário, abandonado de todos os poderes do Estado, tinha ficado sem oitenta moedas de fazer rapaduras. E' a limitação do plantio da cana a produção cairia aparecendo a crise e o racionamento do açúcar. Depois viriam os discursos demagógicos e haverá sempre um ingênuo e um esperto para a canção da felicidade...

Contam que as três horas da sexta-feira santa, em Jerusalém o céu estava sereno e logo depois arrebatou em trovões e relâmpagos.

João olhou o céu, e o firmamento da terra brasileira estava apenas toldado com uma nuvenzinha, uma simples nuvem que o vento levaria para longe.

Então a autoridade, o fiscal, o inquisitor, vendo as faces excessivamente vermelhas do pacífico João ainda gaguejou:

— O senhor não pode calcular como isso me dói o coração.

E João não sabe porque uma máquina tão boa de grampear, engasgou.

PANORAMA ECONOMICO

(Conclusão)

especulação do zebú e que tantos e tão sérios prejuízos causaram à economia nacional.

Ainda recentemente estiveram no Rio, em comissão, diversos pecuaristas influentes do Triângulo Mineiro, depois de breve estada em Barretos, onde foram angariar recursos para uma campanha de âmbito nacional, tendente a criar ambiente para a defesa dos interesses da classe. Calcula-se que, inicialmente, serão despendidos nessa campanha cinco milhões de cruzeiros.

NECESSARIO O EXAME DO CIMENTO ANTES DE SUA DISTRIBUIÇÃO

OS recentes desabamentos de edifícios de habitação coletiva, em construção, sobretudo no Rio, geram curiosa controvérsia em torno das causas de tão estranhos desastres.

Os técnicos do Instituto Nacional de Tecnologia verificaram que o cimento nacional, para ser empregado, deve obedecer à especificação rigo-

rosa, que determina uma resistência mínima correspondente a 250 quilos, indispensável à segurança das construções. O produto estrangeiro foge a tais imposições e daí o perigo.

O Instituto de Engenharia de S. Paulo, que havia patrocinado a importação de grandes quantidades de cimento, para atender às necessidades dos seus associados, não experimentou, entretanto, dissabores com esse produto, de vez que o fez examinar pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas antes de sua distribuição. Seu diretor explicou que o cimento em apreço resistiu 249 quilos em 7 dias e a 339 em 28 dias. E concluiu: "O que pode ter havido no Rio é importação de cimento que, à sua chegada no país, estivesse em más condições, seja pelo acondicionamento, seja pelas avarias do transporte".

A CARNE ARGENTINA

NÃO correspondeu à expectativa a tentativa do governo no sentido de abastecer os principais mercados

nacionais com a carne argentina. Vários inconvenientes surgiram logo à primeira vista, condenando irremediavelmente a iniciativa. Em primeiro lugar, o seu preço no varejo, Cr\$ 14,40 o quilo, não agradou à massa dos consumidores, suggestionada pelas promessas de carne a Cr\$ 7,50; em segundo lugar, a qualidade do produto argentino não correspondeu à expectativa, não só por se tratar de carne demasiadamente gorda como ainda de paladar diferente do nosso. Tais resistências opoz a população carioca ao consumo do produto platino que os responsáveis pela sua importação — alguns dizem que foi a Prefeitura, outros, o próprio governo federal — não tiveram outro recurso senão recolhe-lo novamente aos frigoríficos, à espera de uma solução para o seu aproveitamento.

Alega-se que, também do ponto de vista financeiro, a iniciativa não satisfizesse, de vez que o governo está perdendo mais de um cruzeiro por quilo de carne argentina vendida ao carioca ao preço acima mencionado.

O MUNDO ESTÁ BEBENDO MAIS CAFÉ DO QUE PRODUZ



OS PAPAS

A TÊ o atual os Papas são 262.

Há 418 anos que os Papas são italianos. O último estrangeiro foi Adriano de Boyeux, 1522. Adriano dirigiu a Igreja durante 1 ano, 8 meses e 5 dias. O que mais reinou foi o Pio IX: 31 anos, 7 meses e 22 dias.

D. Damasco, o único português, foi o instituidor do "Flos Santorum". O único inglês chamava-se Adriano Breakspear.

NACIONALIDADES DOS PAPAS

Italianos	229
Franceses	14
Gregos	7
Espanhóis	3
Africanos	3
Dalmatas	2
Português	1
Holandes	1
Inglês	1
Caucasiano	1



Todos pedem, todos desejam

"Tiquinho", a revista infantil.

— Nós queremos "Tiquinho" — repetem as crianças de todo o Brasil.



Um livro que é um
tesouro de encan-
tamento e bom
humor:

"A Namorada do Sapo"

de SEBASTIÃO FERNANDES

(2ª edição)

Páginas alegres e empolgantes que prendem
a atenção de todas as crianças.

PEBIDOS À L. A. "O MALHO" — RUA SENADOR DANTAS, 15
5º ANDAR - RIO

Para mais informações pelo Roteiro das Partes.

PREÇO CR\$ 10,00



LYTOPHAN



METODO DE CORTE E ALTA COSTURA
"TOUTEMODE"
DE ENSINO SEM MESTRE

AUTORIA DO PROFESSOR J. DIAS PORTUGAL

O Método "Toutemode", organizado e impresso em belíssimo livro, magnificamente encadernado, contém cerca de 400 figuras, que esclarecem com facilidade a execução de qualquer modelo de figurino, por mais difícil que pareça, acompanhando o texto com claras e simples explicações.

Lições completas sobre vestidos, golas, mangas, pijamas, casacos simples e de "tailleurs", "manteaux", roupas de crianças, roupa branca de senhoras, pontos de adorno e roupa branca para homem.

O preço de cada exemplar do livro, com excelente encadernação, é de Cr\$ 120.00.

A venda em todas as Livrarias do Brasil
PEDIDOS AOS EDITORES: S/A. O MALHO •
Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar Caixa Postal
880 — RIO

Enviamos pelo Reembolso - Postal

O Prof. J. Dias Portugal, autor desta importante obra, mantém Cursos por Correspondência e nas Academias "Toutemode", com diplomas para Modistas e Professoras. R. Ramalho Ortigão, 6, 1.º andar. Telefone: 22-8635 — RIO DE JANEIRO